

MARIANNA DE CARVALHO MORAES

**ESTUDO ETNOBOTÂNICO SOBRE A MATA DE RESTINGA
DO SÍTIO DO OUTEIRO DE MARACAÍPE, PERNAMBUCO**

**RECIFE
2012**

MARIANNA DE CARVALHO MORAES

**ESTUDO ETNOBOTÂNICO SOBRE MATA DE RESTINGA
DO SÍTIO DO OUTEIRO DE MARACAÍPE, PERNAMBUCO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Biologia Vegetal da Universidade Federal de
Pernambuco como parte dos requisitos à obtenção do
título de Mestre em Biologia Vegetal.

Orientadora: Dra. Laise de H. Cavalcanti Andrade

Área de concentração: Florística e Sistemática Vegetal

Linha de pesquisa: Etnobotânica e Botânica Aplicada

**RECIFE
2012**

Catálogo na Fonte
Elaine Barroso
CRB 1728

Moraes, Marianna de Carvalho

Estudo etnobotânico sobre a mata de restinga do Sítio do Outeiro de Maracaípe, Pernambuco/ Marianna de Carvalho Moraes– Recife: O Autor, 2012.

79 folhas : il., fig., tab.

Orientadora: Laise de Holanda Cavalcanti Andrade

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Ciências Biológicas, Biologia Vegetal, 2012.

Inclui bibliografia e anexos

- 1. Etnobotânica 2. Anacardiaceae 3. Plantas medicinais I. Andrade, Laise de Holanda Cavalcanti (orientadora) II. Título**

581.63

CDD (22.ed.)

UFPE/CCB- 2012- 240

MARIANNA DE CARVALHO MORAES

**ESTUDO ETNOBOTÂNICO SOBRE MATA DE RESTINGA
DO SÍTIO DO OUTEIRO DE MARACAÍPE, PERNAMBUCO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Biologia Vegetal da Universidade Federal de Pernambuco como parte dos requisitos à obtenção do título de Mestre em Biologia Vegetal.

Data de Aprovação: ____/____/____

Nota: _____

BANCA EXAMINADORA:

Dra. LAISE DE HOLANDA CAVALCANTI ANDRADE (Orientadora)
Departamento de Botânica - UFPE

Dr. ANTÔNIO FERNANDO MORAIS DE OLIVEIRA (Titular interno)
Departamento de Botânica - UFPE

Dra. CARMEN SÍLVIA ZICKEL (Titular externo)
Departamento de Biologia – UFRPE

Dra. EUGÊNIA CRISTINA PEREIRA (Suplente interno)
Departamento de Geografia - UFPE

Dr. LUIZ VITAL F. C. CUNHA – UNICAP (Suplente externo)
Departamento de Biologia – UNICAP

RECIFE
2012

Ao meu amado Vô Léo que me amou de graça e sem limites; a minha mãe Evânia M. S. de C. Moraes, minha amiga, minha fortaleza e minha inspiração; às minhas tias Cuca, Bete e Mima, que sabem o significado da palavra mãe e me tratam como uma filha; e ao meu pai, com quem sou mais parecida do que imagino.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus; agradeço também a professora Laise de Holanda Cavalcanti Andrade por sua imensa paciência e dedicação; e por fim a todos que me ajudaram na realização desse trabalho direta, ou indiretamente.

RESUMO

As matas de restinga são ecossistemas associados ao bioma Mata Atlântica, sendo encontradas em toda a extensão do litoral brasileiro. Estudos etnobotânicos poderão trazer conhecimento acerca da influência cultural na percepção e manejo do ambiente de restinga, cujos recursos vegetais são amplamente utilizados pelas populações litorâneas. Analisou-se a interação que comunidades litorâneas nordestinas possuem com a mata de restinga registrando o conhecimento que os moradores da Reserva Particular do Patrimônio Natural - Nossa Senhora do Outeiro de Maracaípe, localizada no município de Ipojuca (8°31'34"S e 35°01'20"W), litoral sul de Pernambuco, possui sobre estas plantas. De janeiro de 2011 a junho de 2012 foram realizadas coletas de material botânico e entrevistas com 80% das residências dessa área, onde moram arrendatários, para levantar informações sobre o uso das espécies e sua percepção sobre o ambiente de restinga. As plantas citadas pelos 27 entrevistados foram identificadas e enquadradas em categorias de uso. Calculou-se a porcentagem da parte da planta mais utilizada e verificou-se a forma do repasse do conhecimento. Também foi verificado se os moradores distinguem fitofisionomias na restinga e se as mesmas direcionam a busca de recursos. Estimou-se o índice de importância relativa (IR) para as plantas medicinais e para as alimentícias. Cerca de 80% dos entrevistados moram no local há mais de 10 anos, provenientes de diferentes cidades, mas 96,30% nasceram no estado de Pernambuco. A maioria das mulheres entrevistadas não trabalha; as poucas que trabalham e a maioria dos homens ganha um salário mínimo. Os entrevistados são adultos e idosos, com baixo grau de instrução ou mesmo analfabeto. Foram citadas 119 etnoespécies úteis pertencentes a 56 famílias, 98 gêneros e 117 espécies, destacando-se pelos números Myrtaceae e Anacardiaceae, com oito espécies cada. Foram catalogados 63 usos para as 117 espécies. Os informantes indicaram 37,6% das espécies pertencentes a categoria alimentícia e medicinal, 23,08% à tecnológica, 20,51% ornamentais, 17,95% como lenha e 13,68% construção. *Anacardium occidentale* L. (cajuero) e *Manilkara salzmannii* (A.DC.) H.J.Lam (maçaranduba), espécies nativas da região, foram citadas por todos os entrevistados, sem exceção. Os frutos de *A. occidentale* e de *Cocos nucifera* L. alcançaram os maiores valores de importância relativa alimentar. *Mentha villosa* Huds. foi a espécie que obteve maior valor de importância relativa medicinal. Os arrendatários ainda retêm um amplo e diverso conhecimento acerca da vegetação de restinga, sendo cerca de 30% das espécies citadas comumente encontradas nesse tipo de ambiente. São popularmente distinguidas as fitofisionomias de campestre, capoeira, vagem e mata para a restinga, que direcionam a captação de recursos por parte dos moradores e duas dessas se sobrepõem às cientificamente reconhecidas para esta área.

Palavras-chave: 1. Conhecimento tradicional 2. Plantas medicinais. 3. Plantas Alimentícias 4. Myrtaceae 5. Anacardiaceae.

ABSTRACT

The resting forest is an ecosystem associated with the Atlantic Forest biome and they are found along the entire Brazilian coast. Ethnobotanics studies in this area can bring knowledge about the cultural influence on the perception and handling of the resting environment, whose natural resources are used by coastal populations. The interaction that northeast Littoral communities have with the resting Forest was analyzed registering the knowledge that the people who live at the Private Reserves of Natural Heritage – Nossa Senhora do Outeiro of Maracápe, located in the city of Ipojuca(8°31'34"S e 35°01'20"W), South Coast of Pernambuco, have about those plants. From January to 2011 and June of 2012 plants were collected and interviews were carried out with 80% of the residences that exist in the area, where tenants live, in order to gather information concerning the use of species in the resting Forest and how they perceive this environment. The plants that were mentioned by the interviewees were identified and putted in categories of use. The percentage of use of the plant's parts and how they pass their knowledge was also calculated. It was also checked if the phytophysiognomies, even that not the ones scientifically recognized, direct the searching for resources. The Relative Importance was estimated to the medicinal and edible plants. Approximately 80% of the interviewees have lived in the place for more than 10 years, however they have different hometowns, but 96,30% were born in The state of Pernambuco. Most of the women interviewed don't work; the few that does receive less than 1 minimal wage, like most of the man. The interviews are adults and elderly with few instruction or even illiterate. 119 ethnoespecies were quoted as useful and they belong to 56 families, 98 genus and 117 species. The families Myrtaceae and Anacardiaceae stood out with 8 species each. The informers indicated 37,6% of the species as medicinal or edible plants, 23,08% technology as , 20,51% ornamental, 17,95% firewood and 13,68% construction. *Anacardium occidentale* L. (cajueiro) and *Manilkara salzmannii* (A.DC.) H.J.Lam (maçaranduba), natives species from the region, were mentioned by all the people who were interviewed, with no exceptions. *A. occidentale* and *Cocos nucifera* L. fruits reached the greatest values of Edible Relative Importance. *Mentha villosa* Huds. was the species with the highest Medicinal Relative Importance. The tenants still have a vast and diverse knowledge about the resting vegetation, idea supported by the fact that 30% of the mentioned species are commonly found in that type of environment. The phytophysiognomies *campestre*, *capoeira*, *vagem* and *mata* are popularly known and direct the quest for resources and two of those overlap the cientific phytophysiognomies known for this area.

Keywords: 1. Traditional Knowledge. 2. Medicinal plants. 3. Edible plants. 4. Myrtaceae 5. Anacardiaceae.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1: Famílias botânicas com maior número de espécies citadas como úteis pelos arrendatários do Sítio do Outeiro de Maracaípe localizado na RPPN Nossa Senhora do Outeiro de Maracaípe, litoral Sul do estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil.....41
- Figura 2: Número de espécies citadas por categorias de uso pelos arrendatários do Sítio do Outeiro de Maracaípe localizado na RPPN Nossa Senhora do Outeiro de Maracaípe, litoral Sul do estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil.....43
- Figura 3: Número de usos por espécies de plantas utilizadas pelos arrendatários do Sítio do Outeiro de Maracaípe localizado na RPPN Nossa Senhora do Outeiro de Maracaípe, litoral Sul do estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil.....44
- Figura 4: Partes das plantas utilizadas nas diferentes categorias de uso das espécies citadas pelos arrendatários do Sítio do Outeiro de Maracaípe localizado na RPPN Nossa Senhora do Outeiro de Maracaípe, litoral Sul do estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil.....44
- Figura 5: Casa de farinha de um dos arrendatários do Sítio do Outeiro de Maracaípe localizado na RPPN Nossa Senhora do Outeiro de Maracaípe, litoral Sul do estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil 50
- Figura 6: Covos para captura de camarões confeccionados com palha do dendê (*Elaeis guineensis* Jacq.) utilizados pelos arrendatários do Sítio do Outeiro de Maracaípe localizado na RPPN Nossa Senhora do Outeiro de Maracaípe, litoral Sul do estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil 50
- Figura 7: Casa de galinhas construída com estacas de aroeira (*S. terebinthifolius*), e cafezinho (*Leea* sp.) em quintal de um dos arrendatários do Sítio do Outeiro de Maracaípe localizado na RPPN Nossa Senhora do Outeiro de Maracaípe, litoral Sul do estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil.51

Figura 8: Esquema com os nomes das principais estruturas das casas nas quais a madeira é utilizada pelos arrendatários do Sítio do Outeiro de Maracaípe localizado na RPPN Nossa Senhora do Outeiro de Maracaípe, litoral Sul do estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil.⁵²

Figura 9: Dendograma de similaridade entre as espécies encontradas nas fitofisionomias cientificamente descritas e as popularmente reconhecidas pelos arrendatários do Sítio do Outeiro de Maracaípe localizado na RPPN Nossa Senhora do Outeiro de Maracaípe, litoral Sul do estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil, utilizando-se o coeficiente de similaridade de Jaccard com $r = 0,94075$. Fisionomias científicas: CNI – campo não inundável; CN – campo inundável; FNI - floresta não inundável. Fisionomias do conhecimento popular: capo – capoeira; mat – mata; camp – campestre; vage – vagem⁶⁰

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Lista de espécies citadas como úteis pelos arrendatários do Sítio do Outeiro de Maracaípe localizado na RPPN Nossa Senhora do Outeiro de Maracaípe, litoral Sul do estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil. Espécies encontradas em restinga, nas residências ou nos arredores das áreas de restinga, ordenadas por ordem alfabética de famílias botânicas. (Uso: Al-alimentar, Me-medicinal, Tc-tecnologia, Cs-construção, La-lenha, Or-ornamental. Parte usada: Fo-folha, Fl-flor, Fr-fruto, Ca-casca, Rz-raiz, Ln-lenho, Cl-caule, En-entrecasca, Se-semente, Lx-látex, Tp-toda a planta.).....	32
Tabela 2: Usos da vegetação de restinga pelos arrendatários do Sítio do Outeiro de Maracaípe localizado na RPPN Nossa Senhora do Outeiro de Maracaípe, litoral Sul do estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil.....	42
Tabela 3: Partes da planta e seus respectivos usos das espécies citadas como alimentícias pelos arrendatários do Sítio do Outeiro de Maracaípe localizado na RPPN Nossa Senhora do Outeiro de Maracaípe, litoral Sul do estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil.....	46
Tabela 4: Importância relativa das espécies e porcentagem das citações das plantas mencionadas como alimentícias pelos arrendatários do Sítio do Outeiro de Maracaípe localizado na RPPN Nossa Senhora do Outeiro de Maracaípe, litoral Sul do estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil.....	48
Tabela 5: Usos medicinais das espécies citadas pelos arrendatários do Sítio do Outeiro de Maracaípe localizado na RPPN Nossa Senhora do Outeiro de Maracaípe, litoral Sul do estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil	54
Tabela 6: Importância relativa das espécies e porcentagem de citação de plantas medicinais citadas pelos arrendatários do Sítio do Outeiro de Maracaípe localizado na RPPN Nossa Senhora do Outeiro de Maracaípe, litoral Sul do estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil..	58
Tabela 7: Sistema perceptivo e classificatório das fitofisionomias da restinga reconhecidas por Almeida Jr. <i>et al.</i> (2009) e das descritas pelos arrendatários do Sítio do Outeiro de Maracaípe localizado na RPPN Nossa Senhora do Outeiro de Maracaípe, litoral Sul do estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil	59

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO.....	12
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
3. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	18
4. ESTUDO ETNOBOTÂNICO SOBRE MATA DE RESTINGA DO SÍTIO DO OUTEIRO DE MARACAÍPE, LITORAL SUL DE PERNAMBUCO	24
Resumo	25
Introdução	26
Material e Métodos	27
Resultados e Discussão.....	30
Referências Bibliográficas.....	61
5. CONCLUSÕES	67
6. APÊNDICES	68
Apêndice 1	68
Apêndice 2	79

1. APRESENTAÇÃO

Desde os primórdios da humanidade o homem se vale da natureza para suprir suas necessidades. Inserida nesse contexto, encontram-se as plantas, com as quais o ser humano possui uma antiga relação, uma vez que se utilizou das mesmas de acordo com seus conhecimentos, criatividade e necessidade. Um exemplo disso tem sido as evidências do uso de plantas alimentícias e medicinais em diversas culturas há milhares de anos (BUENO *et al.*, 2005; SANTOS *et al.*, 2008). Nos grandes centros urbanos constata-se um distanciamento do homem com a natureza e, como consequência, verifica-se a perda de parte do conhecimento acumulado por gerações acerca da utilização de plantas. Em comunidades rurais ainda existe um amplo conhecimento sobre a utilização de plantas, sendo este recurso muitas vezes o único disponível e ao seu alcance.

As pesquisas etnobotânicas sobre a utilização de plantas e sobre o uso da vegetação nativa procuram explicar estas relações, atuando de modo a obter uma maior compreensão das interações entre as comunidades humanas com as plantas, num âmbito cultural, evolutivo, genético, simbólico e ecológico (FONSECA-KRUEL, 2002). Essas relações são ainda mais visíveis quando se observa os povos tradicionais, que utilizam os recursos vegetais amplamente e fornecem conhecimentos sobre as diferentes formas de manuseio que realizam no seu cotidiano (PASA *et al.*, 2005).

O conhecimento tradicional, acumulado durante anos sobre as plantas de um determinado local, revelado pelos estudos etnobotânicos pode ser utilizado por conservacionistas no planejamento, implementação e manejo de áreas protegidas (ALBUQUERQUE; ANDRADE, 2002a), sendo esta uma das questões desenvolvidas por Hanazaki *et al.* (2000) em seu trabalho com populações caiçaras e reservas extrativistas na floresta Atlântica.

Estudos etnobotânicos foram realizados sobre comunidades que habitam os diferentes ecossistemas encontrados nos biomas Amazônia, Mata Atlântica, Cerrado e Caatinga (HANAZAKI *et al.*, 2000; ALBUQUERQUE; ANDRADE, 2002a e 2002b; COUTINHO *et al.*, 2002; SILVA; ANDRADE, 2002 e 2004; PINTO *et al.*, 2006; MONTEIRO *et al.*, 2006; ALBUQUERQUE; OLIVEIRA, 2007; ALBUQUERQUE *et al.*, 2007; LUCENA *et al.*, 2007; SOUZA, 2007; RUFINO *et al.*, 2008). No Nordeste, os estudos etnobotânicos estão concentrados junto a comunidades indígenas e rurais que habitam as

zonas do agreste e sertão, como os de Albuquerque *et al.* (2005a) e Souza (2007), e raras pesquisas foram desenvolvidas com comunidades estabelecidas na região litorânea, como os de Silva e Andrade (2005) e Cunha e Albuquerque (2006). Todavia, poucas pesquisas foram realizadas em matas de restinga, ecossistema associado à Floresta Atlântica, que forma complexos vegetais pioneiros, composto por um conjunto distinto e diverso de comunidades biológicas com rica diversidade de espécies (ARAÚJO; LACERDA, 1987; MIRANDA; HANAZAKI, 2008). Estudos etnobotânicos realizados em restingas por Fonseca-Kruel e Peixoto (2004), por exemplo, relatam a grande variedade de plantas frequentemente utilizadas por caiçaras no Sudeste do Brasil.

Ao inventariar os trabalhos de botânica e botânica econômica desenvolvidos em áreas litorâneas do Brasil, Fonseca e Sá (1997) constataram que a maioria (80%) encontrava-se na porção Sudeste do país, mostrando uma carência de estudos em outras regiões. Levando-se em conta a forte pressão da urbanização sobre este ambiente e a escassez de conhecimentos sobre as comunidades que dela usufruem evidencia-se a necessidade de ampliar os estudos sobre a restinga.

No litoral do Nordeste muitos remanescentes da mata de restinga são encontrados, com os quais estão associadas várias comunidades humanas; todavia, pouco se conhece sobre as relações que estas comunidades mantêm com este tipo particular de ambiente. Visando preencher esta lacuna, objetivou-se efetuar um estudo etnobotânico sobre as relações entre os arrendatários do Sítio do Outeiro em Maracáipe, situado no município de Ipojuca, litoral sul de Pernambuco, e os recursos fornecidos pelos fragmentos de mata de restinga existentes no município. O trabalho também tem como objetivo comparar o conhecimento tradicional com o científico, determinando como a população reconhece essa restinga quanto às divisões em fitofisionomias, e se as mesmas direcionam a busca de recursos.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O interesse de diversas culturas pelas plantas em relação ao meio ambiente remota há milhares de anos e registros históricos constatarem que os seres humanos já detinham conhecimento das propriedades das plantas desde a Antiguidade (COUTINHO; TRAVASSOS; AMARAL, 2002). Desta forma, durante milênios, o homem aperfeiçoou seus conhecimentos de forma a aprimorar sua alimentação e tratar suas doenças (SANTOS *et al.*, 2008). Assim sendo, ocorreu a necessidade de se estudar a utilização das plantas por pessoas

de diferentes culturas e de obter as informações necessárias para o uso de fabricação de remédios.

A etnobotânica surgiu como forma de investigar cientificamente as relações entre as plantas e as comunidades humanas (DI STASI, 1996). O termo etnobotânica surgiu pela primeira vez no final do Século XIX com o trabalho de Harshberger (1896) intitulado *The purposes of ethnobotany*. Desde então, segundo Prance (2000), vem sendo sugeridos diversos significados para a palavra etnobotânica. Fonseca-Kruel (2002), por exemplo, define a etnobotânica como o estudo das relações das comunidades humanas com as plantas, sejam elas genéticas, evolutivas, culturais ou ecológicas. As pesquisas etnobotânicas, como as realizadas por Rodrigues e Guedes (2006) - sobre a utilização de plantas medicinais pelo povoado de Sapucaia, Cruz das Almas, Bahia - e por Botrel *et al.* (2006)- sobre o uso da vegetação nativa pela população local no município de Ingaí, MG - procuram explicar estas relações atuando de modo a obter uma maior compreensão dessas interações. Essas relações são ainda mais visíveis quando se observa os povos tradicionais, que utilizam os recursos vegetais amplamente e fornecem conhecimentos sobre as diferentes formas de manuseio que realizam no seu cotidiano (PASA; SOARES; GUARIM NETO, 2005).

Patzlaff e Peixoto (2009), em sua pesquisa intitulada “A pesquisa em etnobotânica e o retorno do conhecimento sistematizado à comunidade: um assunto complexo” falam um pouco do papel do pesquisador etnobotânico:

No contexto da investigação etnobotânica, o pesquisador procura conhecer a cultura e o dia a dia da comunidade pesquisada, os conceitos locais de doença/saúde, o modo como a comunidade se vale dos recursos naturais para a ‘cura’ de seus males, atrair ou afastar animais, construir habitações mais adequadas ao local e outros. Ele procura repassar o conhecimento aprendido para o meio científico sem incorrer em erros de interpretação. É recomendado que a sua relação com a comunidade não entre no campo do envolvimento pessoal. Entretanto, freqüentemente a barreira de pesquisados/pesquisado é ultrapassada e vínculos afetivos são criados, sobretudo com os indivíduos que mais usualmente acompanham o pesquisador no contato com a comunidade e, quando necessário, nas florestas, hortas ou quintais onde se encontram as plantas utilizadas. (PATZLAFF; PEIXOTO, 2009, p 238)

Decorrente das pesquisas, dentro da etnobotânica, verificamos que as mesmas se tornam facilitadoras para detectar meios adequados de uso da flora uma vez que se utilizam do saber popular, proveniente da pesquisa, para fins de preservar ou resolver as dificuldades

comunitárias (FONSECA-KRUEL; PEIXOTO, 2004). Os estudos realizados e seus resultados obtidos podem atuar de forma a aprovisionar informações preciosas para se conservar o ecossistema. Podemos ver um exemplo disso na pesquisa de Ramos *et al.* (2008) onde afirmam que um dos principais papéis da etnobotânica é colaborar com a conservação da biodiversidade através de modelos funcionais para o manejo dos recursos naturais.

No Brasil, apesar de diversos estudos etnobotânicos terem sido desenvolvidos, ainda existe uma grande carência de pesquisas nessa área, uma vez que esse país apresenta uma flora muito diversificada, com cerca de 90% das espécies quimicamente desconhecidas (GOTTLIEB; KAPLAN; BORIN, 1996). Associado a isso, a migração das pessoas do ambiente rural para as regiões urbanas levou a perda de parte do conhecimento adquirido durante gerações, uma vez que, decorrente desse processo de urbanização, remédios industrializados e outros produtos de necessidade básica passaram a ser mais acessíveis a essas pessoas.

Numerosos estudos no Brasil têm sido realizados sobre plantas medicinais, sob diferentes enfoques, como os de Roman e Santos (2006) sobre as plantas medicinais utilizadas pela comunidade pesqueira de Algodual, no Pará, e o de Coutinho, Travassos e Amaral (2002) acerca de índios da região Norte e sua interação com a Floresta Amazônica. Em trabalho também realizado na região Amazônica sobre plantas medicinais usadas pela população de Ariquemes, em Rondônia, Santos, Lima e Ferreira (2008) afirmam que o estudo de plantas medicinais por etnobotânicos proporciona um avanço das pesquisas básicas e aplicadas, de fitoquímicos e farmacológicos. Todavia, apesar disso, surpreendentemente pouca atenção tem sido dada ao sistema de conhecimento indígena que é transmitido oralmente, como afirmam Heinrich *et al.* (2006).

Dessa forma, essa ciência tem se ocupado de resgatar o conhecimento que foi construído em determinada cultura e transmitido entre gerações e que passa, hoje, por um processo de desaparecimento acelerado em decorrência da pressão antrópica que os ecossistemas vêm sofrendo (FONSECA-KRUEL; PEIXOTO, 2004; ROMAN; SANTOS, 2006).

Recentemente, estudos foram iniciados no bioma Caatinga, destacando-se os trabalhos de U. P. Albuquerque e sua equipe (ALBUQUERQUE; ANDRADE, 2002A, 2002B; ALBUQUERQUE *et al.*, 2005; SILVA; ALBUQUERQUE, 2005; ALBUQUERQUE, 2006; ALBUQUERQUE; OLIVEIRA, 2007; ALBUQUERQUE *et al.*, 2007; ALMEIDA *et al.*, 2005; FERRAZ *et al.*, 2006; FLORENTINO *et al.*, 2007; LUCENA *et al.*, 2007A; LUCENA

et al., 2007B; MONTEIRO *et al.*, 2006; RAMOS *et al.*, 2008). Um bioma um pouco mais estudado tem sido a Mata Atlântica, e como exemplos desses estudos temos os trabalhos de Pinto, Amorozo e Furlan (2006), sobre o uso de plantas medicinais na Bahia; o trabalho de Silva e Andrade (2005), realizado no estado de Pernambuco; e os de Hanazaki *et al.* (2000) e Miranda *et al.* (2011) ambos realizados no Sudeste do Brasil. No entanto poucos são os estudos desenvolvidos na restinga apesar da importância da mesma.

As matas de restinga são ecossistemas associados à Mata Atlântica, sendo encontradas em toda a extensão do litoral brasileiro, com uma grande biodiversidade (ARAÚJO; LACERDA, 1987; MIRANDA; HANAZAKI, 2008). São escassas as pesquisas desenvolvidas nesse ambiente, como o estudo fitossociológico desenvolvido por Assis, Pereira e Thomaz (2004) no município de Guarapari, Espírito Santo. Porém, essas pesquisas são importantes pois trazem conhecimento acerca da influência cultural na percepção e manejo do ambiente de restinga.

No Nordeste, como foi dito, as pesquisas sobre matas de restinga são ainda mais raras, como o estudo fitossociológico de Almeida, Pimentel e Zickel (2007), no município de Itamaracá. Muitos dos trabalhos sobre este tipo de ambiente são levantamentos florísticos, como os realizado por Sacramento, Zickel e Almeida (2007) no município de Cabo de Santo Agostinho; Silva *et al.* (2008) no município de Tamandaré; Almeida Jr, Pimentel e Zickel (2007) no município de Itamaracá; e Almeida Jr. *et al.* (2009) no município de Ipojuca, todos localizados no estado de Pernambuco. Estes estudos são também importantes, pois trazem dados sobre a dinâmica de comunidades ajudando assim na preservação ambiental e manejo de unidades de conservação. Além disso, este tipo de estudo descritivo traz informações relativas à espécies raras, auxiliando também a preservá-las (PEREIRA *et al.*, 2001).

A restinga pode ser apresentar diferentes fitofisionomias e Silva e Britez (2005) distinguem o campo, onde predominam plantas herbáceas eretas, cespitosas, reptantes e/ou rizomatosas; o frutíceto, onde predominam espécies arbustivas de diferentes alturas e com alguns elementos arbóreos; e a floresta, que é caracterizada pela predominância de elementos arbóreos com três estratos diferenciados. Ainda existe a classificação de “inundável”, se o solo sofre inundações periódicas e não inundável, se o solo permanece livre do acúmulo de água.

O fato de estudos feitos na mata de restinga serem raros foi descrito por Fonseca e Sá (1997) que, ao inventariar trabalhos realizados nesses ambientes, constataram que 80% das pesquisas encontram-se na região Sudeste, o que evidencia a falta desses estudos em outras

regiões. O Nordeste possui poucas informações sobre este ambiente, se comparado à região Sudeste (PEREIRA; ARAÚJO, 2000). Dessa forma existe uma necessidade de expandir as pesquisas etnobotânicas sobre este ambiente litorâneo, considerando a carência de conhecimento sobre o assunto (SILVA *et al.*, 2008).

Se os estudos feitos em restinga são raros, mais raros ainda são os de natureza etnobotânica, apesar da mesma possuir uma grande biodiversidade e formarem complexos vegetais pioneiros, composto por um conjunto distinto e diverso de comunidades biológicas (ARAÚJO; LACERDA, 1987; MIRANDA; HANAZAKI, 2008). Dentre os estudos realizados no Sudeste nesse tipo de ecossistema podem ser citados os de Fonseca-Kruel (2002), Fonseca-Kruel e Peixoto (2004), Boscollo e Valle (2008) e Borges e Peixoto (2009), todos realizados no Rio de Janeiro; e Melo *et al.* (2008) e Gandolfo e Hanazaki (2011), ambos realizados em Santa Catarina. Já no Nordeste do Brasil, a maioria dos trabalhos etnobotânicos realizados têm sido feitos no agreste e sertão, como mostram Albuquerque *et al.* (2005) e Rufino *et al.* (2008), e poucos são os estudos etnobotânicos feitos no litoral, ainda mais ao se levar em conta a diversidade florística desses ecossistemas (ARAÚJO; LACERDA, 1987).

No litoral do Nordeste muitos remanescentes da mata de restinga são encontrados, com os quais estão associadas várias comunidades humanas; todavia, pouco se conhece sobre as relações que estas comunidades mantêm com este tipo particular de ambiente e se elas reconhecem diferentes fitofisionomias para esse tipo de ambiente. Como exemplo de algumas pesquisas etnobotânicas realizadas em restinga no Nordeste temos o estudo de Queiroz (2007) realizado na Bahia e Moraes (2009) realizado em Tamandaré, Pernambuco.

A carência de estudos nesse ambiente é ainda mais preocupante se considerarmos que as pesquisas etnobotânicas com comunidades associadas à restinga poderão trazer conhecimento acerca da influência cultural na percepção e manejo desse ambiente; de fato, recursos vegetais são amplamente utilizados pelas populações litorâneas, como observado na pesquisa desenvolvida por Fonseca – Kruel e Peixoto (2004) com pescadores artesanais na Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo, no Rio de Janeiro.

3. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, U.P. Re-examining hypotheses concerning the use knowledge of medicinal plants: a study in the caatinga vegetation of NE Brazil. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 2, p. 30, 2006.
- ALBUQUERQUE, A.; ANDRADE, L.H.C. Conhecimento botânico tradicional e conservação em uma área de caatinga no estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v.16, n.3, p. 273-285, 2002a.
- ALBUQUERQUE, U. P.; ANDRADE, L. H. C. Uso de recursos vegetais da Caatinga: o caso do agreste do Estado de Pernambuco (Nordeste do Brasil). **Interciência**, v.27, n.7, p.336–346, 2002b.
- ALBUQUERQUE, A.; ANDRADE, L.H.C.; SILVA, A.C.O. Use of plant resources in a seasonal dry Forest (Northeastern Brazil). **Acta Botanica Brasilica**, v.19, n.1, p. 27-38, 2005.
- ALBUQUERQUE, U.P.; MUNIZ, M. P.; ALMEIDA, A. L.; MONTEIRO, J. M.; MACHADO, F. L. N. E.; GOMES, M. J.; DOS SANTOS, M. P. Medicinal plants of the caatinga (semi-arid) vegetation of NE Brazil: A quantitative approach. **Journal of Ethnopharmacology**, v.114, p.325–354, 2007.
- ALBUQUERQUE, U.P.; OLIVEIRA, R. F. Is the use-impact on native Caatinga species in Brazil reduced by the high species richness of medicinal plants? **Journal of Ethnopharmacology**, v.113, n.1, p.156–170, 2007.
- ALMEIDA E.B.; PIMENTEL, R. M. M.; ZICKEL, C. S. Flora e formas de vida em uma área de restinga no litoral norte de Pernambuco. **Revista de Geografia**, Recife: UFPE:DCG/NAPA, v.24, n.1, p.19-34, 2007.
- ALMEIDA JR., E. B.; OLIVO, M. A.; ARAÚJO, E. L.; ZICKEL, C. S. Caracterização da vegetação de restinga da RPPN de Maracáipe, PE, Brasil, com base na fitofisionomia, flora, nutrientes do solo e lençol freático. **Acta Botanica Brasilica**, v.23, n.1, p.36-48, 2009.

Moraes, M. C. Estudo etnobotânico sobre a mata de restinga do Sítio do Outeiro de Maracáipe, Pernambuco.

- ARAÚJO, D.S.D.; LACERDA, L.D. A natureza das restingas. **Ciência Hoje**, v.6, n.33, p. 42-48, 1987.
- ASSIS, A.M.; PEREIRA, O. J.; THOMAZ, L. D. Fitossociologia de uma floresta de restinga no Parque estadual Paulo César Vinha, Setiba, município de Guarapari (ES). **Revista Brasileira de Botânica**, v.27, n.2, p.349-361, 2004.
- BOTREL, R. T.; RODRIGUES, L. A.; GOMES, L. J.; CARVALHO, D. A.; FONTES M. A. L. Uso da vegetação nativa pela população local no município de Ingá, MG, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v.20, n.1, p.143-156, 2006.
- BORGES, R.; PEIXOTO, A. L. Conhecimento e uso de plantas em um comunidade caiçara do litoral sul do Estado do Rio de Janeiro, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v.23, n.3, p.769-779, 2009.
- BOSCOLO, O. H.; VALLE, L. S. Plantas de uiso medicinal em Quissamã, Rio de Janeiro, Brasil. **Iheringia, Série Botânica, Porto Alegre**, v.63, n.2, p.263-277, 2008.
- BUENO, N. R.; CASTILHO, R. O.; COSTA, R. B., A. P.; POTT, V. J.; SCHEIDT, G. N.; BATISTA M. S. Medicinal plants used by the Kaiowá and Guarani indigenous populations in the Caarapó Reserve, Mato Grosso do Sul, Brazil. **Acta Botanica Brasilica**, v.19, n.1, p.39-44, 2005.
- COUTINHO, D. F.; TRAVASSOS, L. M. A.; AMARAL, F. M. M. Estudo etnobotânico de plantas medicinais utilizadas em comunidades indígenas no Estado do Maranhão - Brasil. **Visão Acadêmica**, v.3, n.1, p.7-12, 2002.
- CUNHA, L.V. F. C.; ALBUQUERQUE, U. P. Quantitative Ethnobotany in an Atlantic Forest Fragment of Northeastern Brazil: implications to conservation. **Environmental Monitoring and Assessment**, v.114, n.1/2, p.1-25, 2006.
- DI STASI, L. C. Plantas Medicinais: Arte e Ciência. São Paulo: Ed. Afiliada 230p, 1996.
- FERRAZ, J. S. F.; ALBUQUERQUE, U. P.; MEUNIER, I. M. J. Valor de uso e estrutura da vegetação lenhosa às margens do Riacho do Navio, Floresta, Pernambuco. **Acta Botanica Brasilica**, v.20, p.125-134, 2006.

Moraes, M. C. Estudo etnobotânico sobre a mata de restinga do Sítio do Outeiro de Maracáipe, Pernambuco.

FLORENTINO A. T. N.; ARAUJO, E. L.; ALBUQUERQUE, U.P. Contribuições de quintais agroflorestais na conservação de plantas a Caatinga, Município de Caruaru, PE, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v.21, n.1, p.37–47, 2007.

FONSECA, V.F.; SÁ, C.F.C. Situación de los estudios de etnobotánica y botánica econômica em ecosistemas costeiros de Brasil. In: RIOS, M., PEDERSEN, H.B. Memorias del Segundo Simposio Ecuatoriano de Etnobotánica y Botánica Económica, Quito. Uso y Manejo de Recursos Vegetales. Ed. Ayba-Yala, p.57-81, 1997.

FONSECA-KRUEL, V. S. Etnobotânica de uma comunidade de pescadores artesanais: Diversidade e uso dos recursos vegetais de restinga em Arraial do Cabo, Rio de Janeiro. Dissertação de mestrado. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Pós-graduação Ciências Ambientais e Florestais, 2002.

FONSECA-KRUEL, V.S.; PEIXOTO, A. L. Etnobotânica na Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo, RJ, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v.18, n.1, p.177-190, 2004.

GANDOLFO, E. S.; HANAZAKI, N. Etnobotânica e urbanização: conhecimento e utilização de plantas de restinga pela comunidade nativa do distrito do Campeche (Florianópolis, SC). **Acta Botanica Brasilica**, v.25, n.1, p.168-177, 2011.

GASPAR, M. Sambaqui: Arqueologia do litoral brasileiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. I Descobrindo o Brasil. 89p, 2000.

GOTTLIEB; O. R.; KAPLAN, M. A. C.; BORIN, M. R. M. B. Biodiversidade. Um enfoque químico-biológico. **Editora UFRJ**, Rio de Janeiro 1996.

HANAZAKI, N.; TAMASHIRO, J. Y.; LEITÃO-FILHO, H. F.; BEGOSSI, A. Diversity of plant uses in two Caiçara communities from Atlantic Forest coast, Brazil. **Biodiversity and Conservation**, v.9, p.597-615, 2000.

HARSHBERGER, J.W. Purposes of ethnobotany. **Botanical Gazette**, 21: 146-154, 1896.

HEINRICH, M.; KUFER, J.; LEONTI, M.; PARDO-DE-SANTAYANA, M. Ethnobotany and ethnopharmacology-Interdisciplinary links with the historical sciences. **Journal of Ethnopharmacology**, v.107, p. 157-160, 2006.

Moraes, M. C. Estudo etnobotânico sobre a mata de restinga do Sítio do Outeiro de Maracáipe, Pernambuco.

- LUCENA R.F.P.; ARAÚJO E. L.; ALBUQUERQUE, U. P. Does the use-value of woody plants of the Caatinga (Northeastern Brazil) explain their local availability? **Economic Botany**, v.61, p.347–361, 2007a.
- LUCENA, R.F.P.; ALBUQUERQUE, U. P.; MONTEIRO, J. M.; ALMEIDA, C. F. C. B. R.; FLORENTINO, A. T. N.; FERRAZ, J. S. F. Useful plants of the semi-arid northeastern region of Brazil—a look at their conservation and sustainable use. *Environmental Monitoring and Assessment*, v.125, p.281–290, 2007b.
- MELO, S.; LACEDA, V. D.; HANAZAKI, N. Espécies de restinga no Pântano do Sul (SC, Brasil). **Rodriguésia**, v.59, n.4, p.799-812, 2008.
- MIRANDA, T. M.; HANAZAKI, N. Conhecimento e uso de recursos vegetais de restinga por comunidades das ilhas de Cardoso (SP) e de Santa Catarina (SC), Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v.22, n.1, p.203-215, 2008.
- MIRANDA, T. M.; HANAZAKI, N.; GONOVE, J. S.; ALVES, D. M. M. Existe utilização dos recursos vegetais conhecidos em comunidades caíçaras da Ilha do Cardoso, estado de São Paulo, Brasil? **Rodriguésia**, v.62, n.1, p.153-169, 2011.
- MONTEIRO, J. M.; ALBUQUERQUE, U. P.; LINS-NETO, E. M.; DE ARAÚJO, E. L.; DE AMORIM, E. L. Use patterns and knowledge of medicinal species among two rural communities in Brazil's semi-arid northeastern region. **Journal of Ethnopharmacology**, v.105, p.73-186, 2006.
- MORAES, M. C. Estudos etnobotânicos sobre mata de restinga: comunidade de Tamandaré, litoral Sul de Pernambuco (Monografia em Bacharelado em Ciências Biológicas)-Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.
- PASA, M. C.; SOARES, J. J.; GUARIM NETO, G. G. Estudo etnobotânico na comunidade de Conceição- Açú (alto da bacia do rio Aricá Açú, MT, Brasil). **Acta Botanica Brasilica**, v.19, n.2, p.195-207, 2005.
- PATZLAFF, R. G.; PEIXOTO, A. L. A pesquisa etnobotânica e o retorno do conhecimento sistematizado à comunidade: um assunto complexo. **História, Ciência, Saúde-Manguinhos**, v.16, n.1, p.237-246, 2009.

Moraes, M. C. Estudo etnobotânico sobre a mata de restinga do Sítio do Outeiro de Maracaípe, Pernambuco.

- PEREIRA, M. C. A.; ARAÚJO, D. S. D.; PEREIRA, O.J.. Estrutura de uma comunidade arbustiva da restinga de Barra de Maricá – RJ. **Revista Brasileira de Botânica**, v.24, n.3, p.273-281, 2001.
- PEREIRA, O.J.; ARAÚJO, D.S.D. Análise florística das restingas dos estados do Espírito Santo e Rio de Janeiro. In: ESTEVES, F.A.; LACERDA, L.D. (Ed.). **Ecologia de Restingas e Lagoas Costeiras Macaé**: UFRJ/ NUPEM. p.25-63, 2000.
- PINTO, E. P. P.; AMOROZO, M. C. M.; FURLAN, A. Conhecimento popular sobre plantas medicinais em comunidades rurais de mata atlântica – Itacaré, BA, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v.20, n.4, p.751-762, 2006.
- PRANCE, G.T. Ethnobotany and the future of conservation. **Biologist**, v.47, n. 2, p.65-68, 2000.
- QUEIROZ, E. P. Levantamento florístico e georreferenciamento das espécies com potencial econômico e ecológico em restinga de Mata de São João, Bahia, Brasil. **Biotemas**, v.20, n.4, p.41-47, 2007.
- RAMOS, M. A.; MEDEIROS, P. M.; ALMEIDA, A. L. S. Use and knowledge of fuelwood in an area of caatinga vegetation in NE Brazil. **Biomass & Bioenergy**, v.32, p.510–517, 2008.
- RODRIGUES, A. C. C.; GUEDES, M. L. S. Utilização de plantas medicinais no Povoado Sapucaia, Cruz das Almas – Bahia. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v.8, n.2, p.1-7, 2006.
- ROMAN, A. L. C.; SANTOS, J. U. M. A importância das plantas medicinais para a comunidade pesqueira de Algodoal. **Ciências Naturais**, Belém, v.1, n.1, p.69-80, 2006.
- RUFINO, M. U. L.; COSTA, J. T. M.; SILVA, V. A.; ANDRADE, L. H. C. Conhecimento e uso do ouricuri (*Syagrus coronata*) e do babaçu (*Orbignya phalerata*) em Buíque, PE, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v.22, n.4, p.1141-1149, 2008.
- SACRAMENTO, A. C. S.; ZICKEL, C. S.; ALMEIDA JR., E.B. Aspectos florísticos da vegetação de restinga no litoral de Pernambuco. **Sociedade de Investigações Florestais**, v.31, n.6, p.1121-1130, 2007.

Moraes, M. C. Estudo etnobotânico sobre a mata de restinga do Sítio do Outeiro de Maracáipe, Pernambuco.

- SANTOS, M. R. A.; LIMA, M.R.; FERREIRA, M.G.R. Uso de plantas medicinais pela população de Ariquemes, em Rondônia. **Horticultura Brasileira**, v.26, n.2, p.244-250, 2008.
- SILVA, A. J. R.; ANDRADE, L. H. C. Etnobotânica Nordestina: estudo comparativo da relação entre comunidades de vegetação na Zona do Litoral – Mata do Estado de Pernambuco, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v.19, n.1, p.45-60, 2005.
- SILVA, S. M.; BRITZ, R. M. A vegetação da Planície Costeira. In: M.C.M. MARQUES & R. M. BRITZ (orgs.). **História Natural e conservação da Ilha do Mel**. Curitiba: UFPR, p.49-84, 2005.
- SILVA, S. S. L.; ZICKEL, C. S.; CESTARO L. A. Flora vascular e o perfil fisionômico de uma restinga no litoral sul de Pernambuco, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v.22, n.4, p.1123-1135, 2008.
- SILVA, A. C. O.; ALBUQUERQUE, U. P. Woody medicinal plants of the caatinga in the state of Pernambuco (Northeast Brazil). **Acta Botanica Brasilica**, v.19, n.1, p.17-26, 2004.
- SOUZA, L. F. Recursos vegetais usados na medicina tradicional do Cerrado (comunidade de Baús, Acorizal, MT, Brasil). **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v.9, n.4, p.44-54, 2007.

Moraes, M. C. Estudo etnobotânico sobre a mata de restinga do Sítio do Outeiro de Maracaípe, Pernambuco.

Capítulo 1

Estudo etnobotânico sobre mata de restinga do sítio do Outeiro de Maracaípe, litoral sul de Pernambuco

Manuscrito a ser submetido ao periódico Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine.

Estudo etnobotânico sobre mata de restinga do sítio do Outeiro de Maracaípe, litoral sul de Pernambuco

Marianna de Carvalho Moraes^{1*}, Leandro de Almeida Neves Nepomuceno Agra¹, Laise de Holanda Cavalcanti Andrade¹

¹ Universidade Federal de Pernambuco, Laboratório de Etnobotânica e Botânica Aplicada, Departamento de Botânica, Recife, PE, Brasil

Email addresses: marianna_moraes@yahoo.com.br[§], nevesagra@gmail.com, lhcandrade2@gmail.com

^{*§} Autora para correspondência

Resumo

Objetivou-se efetuar um estudo etnobotânico sobre as relações entre os arrendatários do sítio do Outeiro, situado na Reserva Particular do Patrimônio Natural Nossa Senhora do Outeiro de Maracaípe, localizada no município de Ipojuca (8°31'34"S e 35°01'20"W), litoral sul de Pernambuco e os recursos vegetais utilizados pelos mesmos, sejam eles fornecidos, ou não, pelos fragmentos de restinga nela existente. Comparou-se as fitofisionomias estabelecidas cientificamente com as reconhecidas pela população, e verificou-se se as mesmas direcionam a busca de recursos.

Entre janeiro de 2011 e junho de 2012 foram realizadas coletas de material botânico e entrevistas semi-estruturadas em 80% das residências. Estimou-se o índice de importância relativa (IR) para as plantas medicinais e para as alimentícias.

Foram citadas plantas pertencentes a 56 famílias, 98 gêneros e 117 espécies. Myrtaceae e Anacardiaceae destacam-se pelo número de espécies, a maioria de uso alimentício. As categorias de uso foram alimentícia (37,6%), medicinal (37,6%), tecnologia (23,08%), ornamental (20,51%), lenha (17,95%) e construção (13,68%). Os frutos de *Anacardium occidentale* L. e de *Cocos nucifera* L. alcançaram maior importância alimentar. *Mentha villosa* Huds. foi a espécie que obteve maior valor de importância medicinal.

Os arrendatários detêm e utilizam um amplo e diverso conhecimento acerca das plantas de restinga e categorizam diferentes fitofisionomias, distinguindo mata, capoeira, vagem e campestre, tendo como critérios o hábito, porte e espaçamento dos indivíduos, permeabilidade do solo. As duas primeiras correspondem, respectivamente, à floresta e campo não inundável, cientificamente estabelecidas para a RPPN Nossa Senhora do Outeiro de Maracaípe.

Introdução

Desde o princípio da colonização do Brasil os ecossistemas costeiros são os que mais têm sofrido com o impacto causado pela ocupação do litoral e pelo extrativismo, uma vez que foi o lugar onde os primeiros povos europeus se estabeleceram. Na atualidade, ainda é um ambiente que sofre constante degradação seja pela expansão da urbanização, especulação imobiliária e/ou turismo predatório [1]. Somado a esse fator, a recomposição desse habitat ao sofrer deterioração, ocorre de forma lenta [2].

Vários são os ecossistemas que integram as áreas litorâneas brasileiras e quase todos apresentam uma grande biodiversidade, como os tabuleiros costeiros, as dunas e as restingas [3].

As restingas são compostas por um conjunto distinto e diverso de comunidades biológicas que formam complexos vegetais pioneiros [4]. Estas formações ocupam cerca de 80% da costa brasileira e possuem fitofisiomias distintas, que sofrem influência marinha ou fluvio-marinha [5].

Estudos etnobotânicos têm sido realizados no litoral brasileiro, todavia estes ainda são escassos e poucos enfocam o ambiente de restinga, apesar da sua importância ecológica [6,4,7].

No Nordeste, pesquisas de cunho florístico e fitossociológico tem sido desenvolvidas, como as realizadas por Sacramentos *et al.* [8], Silva *et al.* [5] e Almeida Jr. *et al.* [3] no litoral sul de Pernambuco, mas pouco se sabe acerca do conhecimento tradicional sobre as espécies presentes nos fragmentos de restinga ainda existentes.

As pesquisas etnobotânicas estudam e registram as relações que o homem possui com as plantas tanto num âmbito natural, como cultural, evolutivo, genético, simbólico e ecológico [1], bem como o conhecimento que o ser humano detém sobre as mesmas. As comunidades tradicionais utilizam amplamente o conhecimento que possuem sobre os recursos naturais, mas atualmente percebe-se que esses recursos não são tão essenciais como eram no passado, principalmente para aquelas estabelecidas perto de centros urbanos, e esse saber corre o risco de perde-se no tempo antes de ser devidamente registrado [9].

A maioria das pesquisas etnobotânicas realizadas no Nordeste estão concentradas na zona da Caatinga, como os estudos de Albuquerque *et al.* [10] e Souza [11], e raras são as

pesquisas desenvolvidas com comunidades estabelecidas na região litorânea, como as de Silva e Andrade [6] e Cunha e Albuquerque [12].

Estudos etnobotânicos sobre da mata de restinga no Sudeste do país têm revelado uma grande riqueza de conhecimentos acerca do uso dessa vegetação, como o realizado por Fonseca-Kruel e Peixoto [7]. No litoral do Nordeste muitos remanescentes da mata de restinga são encontrados, com os quais estão associadas várias comunidades humanas; todavia, pouco se conhece sobre as relações que estas comunidades mantêm com este tipo particular de ambiente.

A ecologia e conservação da natureza são áreas de estudo que podem ser beneficiadas por pesquisas sobre o saber que comunidades tradicionais detêm acerca da manipulação dos recursos vegetais, uma vez que informações obtidas nesses estudos contribuem para a elaboração de táticas para um uso sustentável do meio ambiente [5,1].

No litoral nordestino foram criadas algumas unidades de conservação, visando preservar os fragmentos remanescentes da Floresta Atlântica e os ecossistemas a eles associados, como manguezais e restingas. A RPPN Nossa Senhora do Outeiro de Maracaípe, situada no litoral sul de Pernambuco caracterizada floristicamente por Almeida Jr. et al. [13] apresenta as fitofisionomias de campo não inundável, campo inundável e floresta [14,13] onde se encontram espécies típicas de restinga, como *Hancornia speciosa* Gomes e *Anacardium occidentale* L.

No presente trabalho, além de resgatar o conhecimento sobre plantas nativas e cultivadas e como o mesmo se distribui entre os arrendatários do Sítio do Outeiro, situado na Reserva Particular do Patrimônio Natural Nossa Senhora do Outeiro de Maracaípe, localizada no município de Ipojuca (8°31'34"S e 35°01'20"W), litoral sul de Pernambuco, pesquisou-se quais os critérios que utilizam para distinguir as fitofisionomias da RPPN Nossa Senhora do Outeiro, nas quais buscam diferentes recursos vegetais.

Material e Métodos

Área de estudo

O estudo foi realizado junto a uma comunidade que habita uma área de restinga da Reserva Particular do Patrimônio Natural Nossa Senhora do Outeiro de Maracaípe, localizada no município de Ipojuca (8°31'34"S e 35°01'20"W; 76,20 ha), litoral sul de Pernambuco. A RPPN pertence à Paróquia de São Miguel, confiada aos cuidados dos frades franciscanos da

Província de Santo Antônio do Brasil e nela moram 20 famílias, na condição de arrendatários. Segundo os Frades Franciscanos que administram o local, existe a intenção de tornar esta reserva um centro de referência em educação ambiental, além de apoiar as pesquisas que nela são realizadas.

O clima é do tipo As' (clima tropical com estação seca), de acordo com sistema de classificação proposto por Köppen [15]. A precipitação pluviométrica anual é de cerca de 2000 mm, com maior concentração de chuvas no período de maio a julho [16] e um período de estiagem entre outubro e dezembro. A temperatura média anual é de 24° C [7].

Segundo o censo de 2010 realizado pelo IBGE [18] a população total do município de Ipojuca é de 80 542 habitantes, a maior parte (66,8%) residindo na área urbana.

Existem dois hospitais no município, quatro unidades ambulatoriais, dois postos de saúde e várias escolas, uma delas - Escola Manoel Cardoso Vargas - localizada no sítio do Outeiro de Maracáipe, onde estudam crianças até a quarta série [19,18].

Ocorrem na RPPN espécies comumente encontradas em áreas de restinga, como *Anacardium occidentale* L., *Annona crassiflora* Mart., *Annona montana* Macfad., *Byrsonima sericea* DC., *Eugenia uniflora* L., *Hancornia speciosa* Gomes, *Pera glabrata* (Schott) Poepp. ex Baill., *Protium heptaphyllum* (Aubl.) March., *Psidium guineense* Sw., *Schinus terebinthifolius* Raddi, *Sloanea guianensis* (Aubl.) Benth, *Tapirira guianensis* Aubl. e *Zornia diphylla* (L.) Pers. [3,8,5,13].

Almeida Jr. *et al.* [13] caracterizaram a vegetação dessa RPPN de acordo com a classificação proposta por Silva e Britez [14], distinguindo uma área de campo, onde existe a predominância de plantas herbáceas eretas, cespitosas, reptantes e/ou rizomatosas, e uma de floresta, com predominância de árvores e três estratos diferenciados [5].

Coleta de dados

Em janeiro de 2011 foi feita uma reunião com os moradores destinada à explicação do projeto, seus objetivos e obtenção da aprovação do mesmo pelos arrendatários do sítio do Outeiro localizado na RPPN Nossa Senhora do Outeiro.

Entre janeiro de 2011 e junho de 2012 foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com as pessoas que vivem nessa área, para levantar informações sobre o uso das espécies, segundo as categorias adotadas por Fonseca-Kruel e Peixoto [7]: alimentar, medicinal, tecnologia, lenha, ornamental e construção. Após as entrevistas coletou-se o material botânico

com o acompanhamento e indicação dos entrevistados. Posteriormente, um questionário adicional foi aplicado com o objetivo de caracterizar o ambiente conforme o reconhecimento da população sobre o fragmento de restinga e comparar o mesmo com as fitofisionomias cientificamente reconhecidas para essa área, encontradas no estudo de Almeida Jr. *et al.* [13].

Análise de dados

Os dados foram organizados em planilhas do Excel 2010 e caracterizou-se os entrevistados pela faixa etária, gênero, origem e escolaridade. Foram analisadas quais as famílias e espécies mais citadas bem como foram listados os modos de uso de cada uma delas. Calculou-se também a porcentagem dos usos e a parte da planta mais utilizada.

Estimou-se o índice de importância relativa (IR) para as plantas medicinais [20], calculado a partir da fórmula $IR = NSC + NP$, onde o NSC é igual a razão entre o número de sistemas corporais tratados por uma determinada espécie (NSCE) e o número total de sistemas corporais tratados pela espécie mais versátil. O NP é calculado dividindo o número de propriedades atribuídas a uma determinada espécie (NPE) pelo número total de propriedades atribuídas a espécie mais versátil (NPEV). Os valores desse índice variam de 0 à 2, sendo os maiores valores atribuídos às espécies mais versáteis e indicadas para um maior número de sistemas corporais.

A importância relativa das espécies utilizadas na alimentação (IRa) foi estimada através de uma adaptação da fórmula de Bennett e Prance [20] acima mencionada, onde as espécies de maior valor (máximo =2) correspondem ao recurso alimentar mais utilizado pela comunidade. A IRa foi calculada através da fórmula: $IRa = NC + NFU$, onde NC é a razão entre o número de citações de uma determinada espécie (NCE) e o número de citações da espécie mais informada (NCEI). O NFU é a razão entre o número de formas de uso alimentar de uma determinada espécie (NFUE) e o número de formas de uso alimentar da espécie mais versátil (NFUV).

As indicações terapêuticas das plantas medicinais citadas como úteis pelos entrevistados foram classificadas nos seguintes sistemas corporais reconhecidos pela OMS/CID - Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde [21]: doenças infecciosas (DI-A00-B99); doenças parasitárias (DP-A00-B99); doenças das glândulas endócrinas, da nutrição e do metabolismo (DGNM-E00-E90); doenças do sangue e dos órgãos hematopoiéticos (DS-D50-D89); doenças do sistema osteomuscular e tecido conjuntivo (DSO- M00-M99); doenças da pele e tecido celular subcutâneo (DPTS-

L00-L99); transtornos do sistema visual (TSV-H00-H59); transtornos do sistema nervoso (TSN-G00-G99); transtornos do sistema circulatório (TSC-I00-I99); transtornos do sistema respiratório (TSR-J00-J99); transtornos do sistema gastrointestinal (TSGI-K00-K93); transtornos do sistema gênito-urinário (TSGU-N00-N99); afecções não definidas ou dores não definidas (AND-R50-R69).

Também foi verificado se a população reconhece diferentes fitofisionomias de restinga e se essas fitofisionomias direcionam a busca de recursos. A semelhança entre as comunidades vegetais encontradas nas fitofisionomias descritas por Almeida Jr. *et al.*[13] e as descritas pelo conhecimento popular neste trabalho foi comparada. Para tal foi feita uma análise de agrupamentos através do índice de similaridade de Jaccard, WPGMA com o programa NTSYSpc 2.2. [22] utilizando as espécies comuns aos dois trabalhos e as fitofisionomias, científicas e populares nas quais as espécies eram encontradas.

Resultados e Discussão

Foram entrevistadas 27 pessoas, moradoras de 15 das 19 casas existentes no sítio do Outeiro de Maracaípe (79,80%), pois três encontravam-se fechadas e os moradores de uma das residências não aceitaram participar da pesquisa. Entrevistou-se dois moradores por casa, um do sexo masculino e outro do sexo feminino, exceto nos casos que os mesmos residissem sozinhos. Destes, 14 (51,85%) pertencem ao sexo feminino e 13 (48,15%) ao sexo masculino. Esses números devem-se ao fato de que um dos moradores não convive mais com a esposa; uma das entrevistadas é solteira e, no caso da outra entrevistada, seu marido não aceitou participar da pesquisa.

Os moradores entrevistados são arrendatários do sítio do Outeiro, com exceção de um casal que mora no Engenho do Canto, pertencente à Usina do Salgado. Cerca de 80% dos entrevistados moram no local há mais de 10 anos, provenientes de diferentes cidades, mas 96,30% nasceram no estado de Pernambuco.

A maioria dos participantes não possui vínculo empregatício, exercendo funções esporádicas tais como caseiro, ajudante de pedreiro ou tratador de animais. Entre as mulheres somente três trabalham fora e ganham, no máximo, um salário mínimo. Entre os homens a maioria ganha um salário mínimo, com exceção de cinco (38,46%) arrendatários que exercem a função de pedreiro, gari ou zelador da prefeitura, com salário mensal superior a R\$700,00.

As idades dos entrevistados variam desde 26 até 77 anos, sendo a maior porcentagem de pessoas nas faixas etárias de 26 a 45 anos (59,26%) e acima de 65 anos (22,23%). Quanto ao nível de escolaridade a maioria dos participantes (66,67%) possuía nível desde básico até fundamental I completo ou incompleto. Ainda 18,52% dos arrendatários não frequentaram escola. A maioria tem por religião o catolicismo, sendo apenas três deles evangélicos.

O conhecimento sobre o uso das plantas, de acordo com informantes, na maioria das vezes é passado para os filhos pelos pais ou avós e, mais raramente, adquirido através dos amigos ou por observação.

Foram citadas plantas pertencentes a 56 famílias, 98 gêneros e 117 espécies (Tabela 1). *Anacardium occidentale* corresponde às etnoespécies caju e o caju roxo, assim como *Manihot esculenta* Crantz, que corresponde às etnoespécies mandioca e macaxeira. Essas etnoespécies são utilizadas de uma forma diferente e com finalidades distintas na comunidade estudada. A mandioca é utilizada para fazer farinha, em uma das duas casas de farinha encontradas no local (Figura 5) e é tida como tóxica pelos informantes, enquanto a macaxeira é consumida cozida. O caju roxo é distinguido pela cor do pseudofruto e apenas esta etnoespécie teria propriedades medicinais, como vemos nas palavras do informante 17: "[...] Desde da minha meninice só se fala do entrecasco do caju roxo. Os outros não serve não. "

A. occidentale e *Manilkara salzmannii* (A.DC.) H.J.Lam (maçaranduba), espécies nativas da região, foram citadas por todos os entrevistados, sem exceção. *Mangifera indica* L. (manga) e *Cocos nucifera* L. (coco), espécies exóticas já fortemente inseridas na cultura nordestina, foram mencionadas por 96,3% dos entrevistados. Das espécies citadas e identificadas *A. occidentale*, *Acrocomia intumescens* Drude (macaíba), *Andira nitida* Mart. ex Benth (angelim), *Bowdichia virgilioides* Kunth (sucupira), *Buchenavia tetraphylla* (Aubl.) R.A.Howard (mirindiba), *B. sericea* (murici), *P. guineense* (araçá), *Eschweilera ovata* (Cambess.) Mart. ex Miers (imbiriba), *E. uniflora* (pitanga), *H. speciosa* (mangabeira), *M. salzmannii*, *P. heptaphyllum* (amesca), *S. terebinthifolius* (aroeira) e *T. guianensis* (cupiúba) são exemplos de componentes da flora de restinga do Nordeste do Brasil.

Tabela 1: Lista de espécies citadas como úteis pelos arrendatários do Sítio do Outeiro de Maracaípe localizado na RPPN Nossa Senhora do Outeiro de Maracaípe, litoral Sul do estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil. Espécies encontradas em restinga, nas residências ou nos arredores das áreas de restinga, ordenadas por ordem alfabética de famílias botânicas. (Uso: Al-alimentar, Me-medicinal, Tc-tecnologia, Cs-construção, La-lenha, Or-ornamental. Parte usada: Fo-folha, Fl-flor, Fr-fruto, Ca-casca, Rz-raiz, Ln-lenho, Cl-caule, En-entrecasca, Se-semente, Lx-látex, Tp-toda a planta.)

Família/ Nome Científico	Nome local	Uso	Parte usada	Citações (%)
ACANTHACEAE				
<i>Justicia gendarussa</i> Burm. f.	Anador	Me	Fo, Fl	11,11
ADIANTACEAE				
<i>Adiantum capillus-veneris</i> (L.) Hook.	Avenca	Or	Tp	18,52
AGAVACEAE				
<i>Agave</i> sp.	Agáve	Tc	Fo	3,7
AMARANTHACEAE				
<i>Celosia</i> sp.	Crista de peru	Or	Tp	3,7
ANACARDIACEAE				
<i>Anacardium occidentale</i> L.	Cajú, cajueiro roxo	Al, La, Cs	Fr, Se, Ln	100
<i>Anacardium occidentale</i> L.	Cajueiro roxo	Me	Ca	55,56
<i>Mangifera indica</i> L.	Manga, manga rosa	Al, La, Me	Fr, Ln, Fo	96,3
<i>Schinus terebinthifolius</i> Raddi	Aroeira	Tc, Me	Ln, Ca	74,07
<i>Spondias mombin</i> L.	Cajá	Al, Me	Fr	59,26
<i>Spondias</i> sp. 1	Cajarana	Al	Fr	11,11
<i>Spondias</i> sp.2	Seriguela	Al	Fr	18,52
<i>Tapirira guianensis</i> Aubl.	Cupiúba	La, Tc, Cs	Ln	29,63

ANNONACEAE

<i>Annona coriacea</i> Mart.	Aticum	Al, Tc	Fr, Ln	7,41
<i>Annona muricata</i> L.	Graviola	Al	Fr	48,15
<i>Annona</i> sp.	Pindaíba	Tc, Cs	Ln	3,7

APIACEAE

<i>Pimpinella anisum</i> L.	Erva doce	Me	Se	3,7
-----------------------------	------------------	----	----	-----

APOCYNACEAE

<i>Hancornia speciosa</i> Gomes	Mangabeira	Al, La, Me	Fr, Ln, Lx	85,19
<i>Himatanthus cf bracteatus</i> (A. DC.) Woodson	Banana de papagaio	Tc	Ln	11,11
<i>Nerium oleander</i> L.	Espirradeira	Or	Tp	3,7

ARACEAE

<i>Dieffenbachia seguine</i> (Jacq.) Schott	Comigo-ninguém-pode	Or	Tp	11,11
<i>Philodendron</i> sp.	Imbé	Or	Tp	14,81

ARECACEAE

<i>Acrocomia intumescens</i> Drude	Macaíba	Al, Me	Fr	88,89
<i>?Bactris ferruginea</i> Burret	Coquinho	Al	Fr	3,7
<i>Cocos nucifera</i> L.	Coqueiro	Al, La, Tc, Me	Fr, Ln	96,3
<i>Desmoncus orthacanthos</i> Mart.	Títara	Al	Fr	3,7
<i>Elaeis guineensis</i> Jacq.	Dendê	Al, Tc	Fr, Fo	70,37
Indeterminada 1	Palmeira	Or	Tp	18,52

ASPARAGACEAE

<i>Sansevieria</i> sp.	Espada de são jorge	Or	Tp	3,7
------------------------	----------------------------	----	----	-----

ASTERACEAE

<i>Acanthospermum hispidum</i> DC.	Espinho de cigano	Me	Rz	22,22
<i>Tithonia diversifolia</i> (Hemsl.) A. Gray	Margarida	Or	Tp	7,41
<i>Vernonia</i> sp.	Alcachofra	Me	Fo	29,63

BIGNONIACEAE

<i>Crescentia cujete</i> L.	Coité	Me	Fo	3,7
<i>Tabebuia roseoalba</i> (Ridl.) Sandwith	Pau d'arco	Cs	Ln	3,7

BIXACEAE

<i>Bixa orellana</i> L.	Açafrão	Al	Se	3,7
-------------------------	----------------	----	----	-----

BURSERACEAE

<i>Protium heptaphyllum</i> (Aubl.) March.	Amesca/amescla	Cs, La, Tc	Ln	18,52
--	-----------------------	------------	----	-------

BROMELIACEAE

<i>Aechmea muricata</i> (Arruda) L.B.Sm.	Gravatá	Or	Tp	7,41
<i>Ananas comosus</i> (L.) Merr.	Abacaxi	Al	fr	18,52
<i>Ananas</i> sp.	Ananas	Or	Tp	3,7

CARICACEAE

<i>Carica papaya</i> L.	Mamão	Al	Fr	18,52
-------------------------	--------------	----	----	-------

CHENOPODIACEAE

<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Mastruz	Me	Fo	22,23
------------------------------------	----------------	----	----	-------

COMBRETACEAE

<i>Buchenavia tetraphylla</i> (Aubl.) R.A.Howard	Mirindiba	Tc	Ln	7,41
<i>Terminalia catappa</i> L.	Coração de negro	Al	Fr	3,7

CUCURBITACEAE

<i>Citrullus vulgaris</i> Schrad.	Melancia	Al	Fr	7,41
-----------------------------------	-----------------	----	----	------

CYATHEACEAE

<i>Cyathea atrovirens</i> (Langsd. & Fisch.) Domin	Pau cardoso	Me	Cl	3,7
--	--------------------	----	----	-----

DIOSCOREACEAE

<i>Dioscorea</i> sp.	Cará	Al	Fr	3,7
----------------------	-------------	----	----	-----

ELEAOCARPACEAE

<i>Sloanea guianensis</i> (Aubl.) Benth	Uriço/ouriço	La	Ln	7,41
---	---------------------	----	----	------

EUPHORBIACEAE

<i>Manihot esculenta</i> Crantz	Macaxeira	Al	Rz	7,41
---------------------------------	------------------	----	----	------

<i>Manihot esculenta</i> Crantz	Mandioca	Al	Rz	7,41
---------------------------------	-----------------	----	----	------

<i>Sapium</i> sp.	Leiteiro	La, Tc, Cs	Ln	22,23
-------------------	-----------------	------------	----	-------

FABACEAE

<i>Abarema cochliacarpus</i> (Gomes) Barneby & J.W.Grime	Barbatimão	Me	Ca	25,93
--	-------------------	----	----	-------

<i>Andira nitida</i> Mart. ex Benth	Angelin	La	Ln	7,41
-------------------------------------	----------------	----	----	------

<i>Bauhinia</i> sp.	Mão de vaca	Me	Fo	3,7
---------------------	--------------------	----	----	-----

<i>Inga</i> sp.	Ingá	Al, La	Fr, Ln	33,33
-----------------	-------------	--------	--------	-------

<i>?Libidibia ferrea</i> (Mart. ex Tul.) L.P.Queiroz	Jucá	Me	Ca	14,81
--	-------------	----	----	-------

<i>Vigna</i> cf. <i>unguiculata</i> (L.) Walp.	Feijão de corda	Al	Se	7,41
--	------------------------	----	----	------

<i>Zornia diphylla</i> (L.) Pers.	Arroz xoxo	Me	Rz	14,81
-----------------------------------	-------------------	----	----	-------

HELICONIACEAE

<i>Heliconia</i> sp.	Paquevira	Or	Tp	7,41
----------------------	------------------	----	----	------

IRIDACEAE

<i>Eleuterine cf bulbosa</i> (Mill.) Urb	Alho do mato	Me	Rz	3,7
--	---------------------	----	----	-----

LAMIACEAE

<i>Mentha villosa</i> Huds.	Hortelã da folha miúda	Me	Fo	37,04
<i>Ocimum campechianum</i> Mill.	Alfavaca	Me	Fo	3,7
<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng.	Hortelã da folha grande	Me	Fo	29,63

LAURACEAE

<i>Cinnamomum</i> sp.	Canela	Me	Fo	14,81
<i>Ocotea gardneri</i> (Meisn.) Mez	Loro, loro branco	La, Tc, Cs	Ln	18,52
<i>Persea americana</i> Mill.	Abacate	Al, Me	Fr, Fo	22,22

LECYTHIDACEAE

<i>Eschweilera ovata</i> (Cambess.) Mart. ex Miers	Imbiriba	La, Tc, Cs	Ln	48,15
--	-----------------	------------	----	-------

LEEACEAE

<i>Leea</i> sp.	Cafezinho	Or, Tc	Ln, Tp	14,81
-----------------	------------------	--------	--------	-------

LEGUMINOSAE

<i>Bowdichia virgilioides</i> Kunth	Sucupira	La, Tc, Cs	Ln	25,93
-------------------------------------	-----------------	------------	----	-------

LILIACEAE

Indeterminada 2	Lírio	Or	Tp	11,11
-----------------	--------------	----	----	-------

LYTHRACEAE

<i>?Lagerstroemia</i> sp.	Árvore de natal	Or	Tp	3,7
<i>Punica granatum</i> L.	Romã	Me	Fr	3,7

MALPHIGIACEAE

<i>Byrsonima sericea</i> DC.	Murici	La, Tc, Cs	Ln	22,23
<i>Malphigia puniceifolia</i> L.	Acerola	Al, Me	Fr	62,96

MALVACEAE

<i>Hibiscus rosa-sinensis</i> L.	Pampola/papoula	Or	Tp	22,23
----------------------------------	------------------------	----	----	-------

MORACEAE

<i>Artocarpus altilis</i> (Parkinson) Fosberg	Fruta pão	Al	Fr	62,96
---	------------------	----	----	-------

<i>Artocarpus heterophyllus</i> Lam.	Jaca	Al, La, Tc	Fr, Ln	40,74
--------------------------------------	-------------	------------	--------	-------

<i>Brosimum</i> sp.	Conduru	Tc	Ln	14,81
---------------------	----------------	----	----	-------

MUSACEAE

<i>Musa</i> sp.	Banana	Al, Me	Fr, Lx	62,96
-----------------	---------------	--------	--------	-------

MYRTACEAE

<i>Campomanesia dichotoma</i> (O.Berg) Mattos	Guabiraba	Me	Fr	3,7
---	------------------	----	----	-----

<i>Eugenia punicifolia</i> (Kunth) DC.	Muta, murta	Al, Tc, Cs	Fr, Ln	14,81
--	--------------------	------------	--------	-------

<i>Eugenia uniflora</i> L.	Pitanga	Al, Me	Fr, Fo	85,19
----------------------------	----------------	--------	--------	-------

<i>Marlierea regeliana</i> O. Berg	Mapirunga	Al	Fr	3,7
------------------------------------	------------------	----	----	-----

<i>Psidium guajava</i> L.	Goiabeira	Al, Me	Fr, Fo	74,07
---------------------------	------------------	--------	--------	-------

<i>Psidium guineense</i> Sw.	Araçá	Al, La, Me	Fr, Ln, Fo	88,89
------------------------------	--------------	------------	------------	-------

<i>Syzygium cumini</i> (L.) Skeels	Azeitona, azeitona preta, roxa, braba	Al, Tc	Fr, Ln	51,85
------------------------------------	--	--------	--------	-------

<i>Syzygium jambos</i> (L.) Alston	Jambo do pará, jambo, jambre	Al, Or	Fr, Tp	18,52
------------------------------------	-------------------------------------	--------	--------	-------

OXALIDACEAE

<i>Averrhoa carambola</i> L.	Carambola	AL	Fr	22,23
------------------------------	------------------	----	----	-------

PASSIFLORACEAE

<i>Passiflora</i> sp.	Maracujazeiro	Al, Me	Fr, Se, Fo	25,93
-----------------------	----------------------	--------	------------	-------

PERACEAE

<i>Pera glabrata</i> (Schott) Poepp. ex Baill	Sete cascos	La	Ln	7,41
---	--------------------	----	----	------

PHYTOLACCACEAE

<i>Petiveria alliacea</i> L.	Atipim	Me	Fo	7,41
------------------------------	---------------	----	----	------

POACEAE

<i>Bambusa</i> sp.	Bambu	Tc	Ln	3,7
--------------------	--------------	----	----	-----

<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	Capim santo	Me	Fo	92,6
--	--------------------	----	----	------

Indeterminada 3	Caníço	Tc	Ln	3,7
-----------------	---------------	----	----	-----

PORTULACACEAE

Indeterminada 4	Onze horas	Or	Tp	3,7
-----------------	-------------------	----	----	-----

RHIZOPHORACEAE

<i>Rhizophora mangle</i> L.	Mangue gaiteiro	La, Tc, Cs	Ln	29,63
-----------------------------	------------------------	------------	----	-------

ROSACEAE

<i>Rosa</i> sp.	Rosa	Or	Tp	7,41
-----------------	-------------	----	----	------

RUBIACEAE

<i>Borreria verticilata</i> (L.) G. Mey.	Vassoura de botão	Me	Rz	3,7
--	--------------------------	----	----	-----

<i>Ixora coccinea</i> L.	Alfinete	Or	Tp	7,41
--------------------------	-----------------	----	----	------

<i>Genipa americana</i> L.	Jenipapo	Al, Tc, Me	Fr, Ln	62,96
----------------------------	-----------------	------------	--------	-------

RUTACEAE

<i>Citrus aurantium</i> L.	Laranja	Al, Me	Fr, Fo	40,74
----------------------------	----------------	--------	--------	-------

<i>Citrus limon</i> (L.) Burm. f.	Limão	Al, Me	Fr, Fo	33,33
-----------------------------------	--------------	--------	--------	-------

<i>Murraya paniculata</i> (L.) Jack	Jasmin	Or	Tp	11,11
-------------------------------------	---------------	----	----	-------

SAPINDACEAE

<i>Cupania impressinervia</i> Acev.-Rodr.	Cabotã	Tc	Ln	3,7
---	---------------	----	----	-----

<i>Talisia esculenta</i> (A.St. -	Pitomba	Al, La	Fr, Ln	51,85
-----------------------------------	----------------	--------	--------	-------

Hil.)Radlk.

SAPOTACEAE

<i>Manilkara salzmannii</i> (A.DC.) H.J.Lam	Maçaranduba	Al, La, Tc, Cs	Fr, Ln	100
<i>Manilkara zapota</i> (L.) P.Royen	Sapoti	Al	Fr	7,41
<i>Pouteria</i> sp.	Ripeiro	Cs	Ln	7,41

SIMAROUBACEAE

<i>Simaba floribunda</i> A.St.-Hil.	Praíba	Cs	Ln	3,7
-------------------------------------	---------------	----	----	-----

SOLANACEAE

<i>Solanum tuberosum</i> L.	Batata	Al	Cl	3,7
Indeterminada 5	Pimenta	Al, Or	Fr, Tp	7,41
Indeterminada 6	Pimenta de cheiro	Me	Fo	3,7

URTICACEAE

<i>Cecropia pachystachya</i> Trécul	Embaúba	La, Me	Ln, Fo	7,41
-------------------------------------	----------------	--------	--------	------

VERBENACEAE

<i>Lantana camara</i> L.	Chumbinho	Or	Tp	3,7
<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E.Br	Erva cidreira	Me	Fo	88,89
<i>Lippia</i> sp.	Xambá / chambá	Me	Fo	11,11

ZINGIBERACEAE

<i>Alpinia zerumbet</i> (Pers.) B.L. Burt & R.M. Sm.	Colônia	Me	Fo, Fl	55,56
<i>Hedychium coronarium</i> J.Koenig	Borboleta	Or, Me	Rz, Tp	18,52
Indeterminada 7	Croque	Or	Tp	3,7
Indeterminada 8	Cumixá	Tc	Ln	3,7
Indeterminada 9	Mangabinha	Cs	Ln	3,7

As famílias mais representativas em número de espécies foram Myrtaceae e Anacardiaceae, com oito espécies cada, seguida de Fabaceae, com sete e Arecaceae, com seis espécies (Figura 1). As Myrtaceae e Anacardiaceae também se destacaram pelo número de citações no estudo de Fonseca-Kruel e Peixoto [7] no Rio de Janeiro; na pesquisa de Queiroz [23], efetuada na Bahia; e no trabalho de Moraes [24] feito com pescadores em Tamandaré, litoral Sul de Pernambuco, todos realizados em áreas de restinga. Em trabalhos etnobotânicos realizados em restinga a família Myrtaceae apresenta um grande número de espécies, como observado nos estudos desenvolvidos por Miranda e Hanazaki [4], Melo *et al.* [25] e Gandolfo e Hanazaki [09] no Sudeste do país.

Nas caracterizações florísticas e nos levantamentos fitossociológicos realizados por Pereira [26], Sacramento *et al.* [8] e Martins *et al.* [27] as Myrtaceae destacam-se pelo maior número de espécies. Por essa razão, a mata de restinga, dentre outras denominações, também é conhecida como mata de Myrtaceae [28]. Assim, o destaque dessa família em pesquisas etnobotânicas realizadas nessa área provavelmente se deve ao fato do número de espécies presentes nesse ambiente.

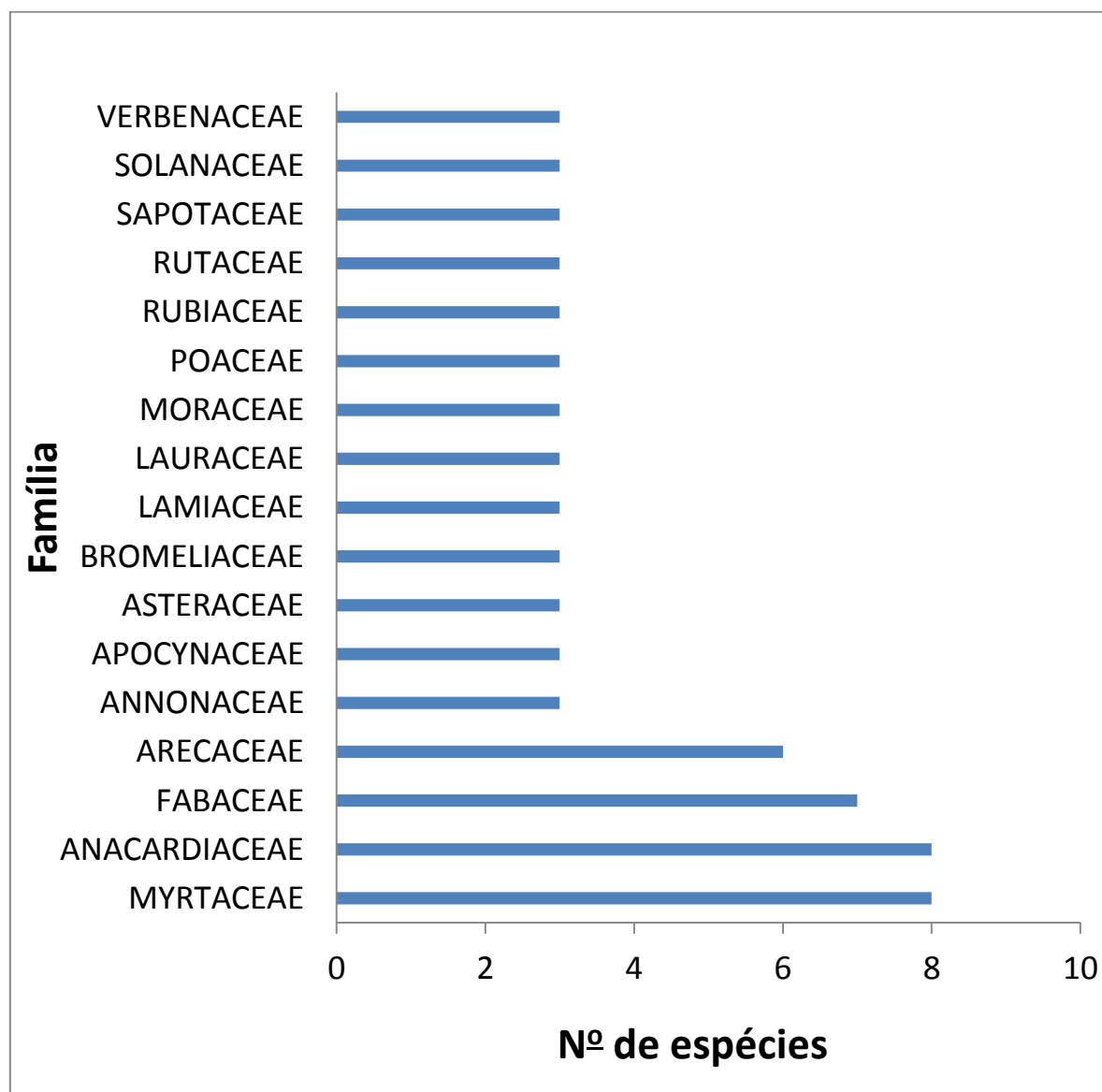


Figura 1: Famílias botânicas com maior número de espécies citadas como úteis pelos arrendatários do Sítio do Outeiro de Maracaípe localizado na RPPN Nossa Senhora do Outeiro de Maracaípe, litoral Sul do estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil.

Com base nas informações dos entrevistados, foram catalogados 63 usos (Tabela 2) para as 117 espécies, ordenados em seis categorias. Os informantes indicaram 44 espécies alimentícias (37,6%), 44 espécies medicinais (37,6%), 27 aplicadas em tecnologia (23,08%), 24 ornamentais (20,51%), 21 usadas como lenha (17,95%) e 16 usadas na construção (13,68%) (Figura 2). Em conjunto, as categorias alimentícia, medicinal e tecnológica detêm mais de 75% das espécies citadas, fato também observado por Carneiro *et al.* [29], em estudo realizado na Reserva Extrativista Marinha Caeté-Taperaçu, no Pará. Um maior número de

espécies nas categorias alimentícia e medicinal também foi observado em diversas pesquisas, como por exemplo no estudo de Silva e Andrade [6], entre comunidades da Zona do Litoral Norte de Estado de Pernambuco. O menor número de espécies citadas para a categoria construção talvez se deva ao fato de 96,3% dos arrendatários possuírem casa de alvenaria, apesar de alguns poucos ainda se utilizarem desse conhecimento na construção de cercas.

Tabela 2: Usos da vegetação de restinga pelos arrendatários do Sítio do Outeiro de Maracaípe localizado na RPPN Nossa Senhora do Outeiro de Maracaípe, litoral Sul do estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil.

Categoria	Usos
Alimentícia	Raiz usada para fazer farinha; Raiz consumida cozida; Caule consumido cozido; Fruto consumido cru; Fruto consumido cozido; Fruto usado em refrescos ou sucos; Fruto usado para fazer azeite ou óleo; Fruto usado para fazer castanha; Fruto usado para fazer cocada; Fruto usado para fazer doce; Fruto usado para fazer geleia; Fruto usado para fazer leite; Fruto usado para fazer licor; Fruto usado para fazer passa; Fruto usado para fazer picolé; Fruto usado para fazer polpa; Fruto usado para fazer vinho; Fruto usado para fazer vitamina; Semente consumida cozida; Tempero
Tecnologia	Banco; Berimbau; Bulandeira; Cabo de enxada; Cabo de estroenga; Cabo de foice; Cabo de machado; Cabo de vassoura; Casa das galinhas; Corda; Covos; Escada; Vara de pesca; Viga/cevador na casa de farinha
Lenha	Madeira usada como lenha
Construção	Caibo; Casas para cozinhar; Esteio de casas; Fundação da casa; Linha de casa; Porta; Ripas de casa; Tábuas para chão e teto; Varas para cercado
Medicinal	Calmante; Remédio para baixar febre (Antitérmico); Remédio para cólica; Remédios para derrame; Remédio para diabetes; Remédio para disenteria (Antidiarréico); Remédio para dor de cabeça (Analgésico); Remédio para dor de garganta e tosse (Antitussígeno e Analgésico); Remédio para dor de ouvido (Analgésico); Remédios para dor nos rins (Diurético e/ou Analgésico); Remédios para ferida, corte e inflamação (Antiinflamatório e Cicatrizante); Remédio para gripe (Antigripal); Remédio para matar verme (Vermífugo); Remédio para o coração; Remédio para pressão alta

(Anti-hipertensivo); Remédio para problemas digestivos (Digestivo e Analgésico); Remédio para problemas do fígado; Remédio para reumatismo

Ornamental

Plantas usadas ao redor de casas e jardins

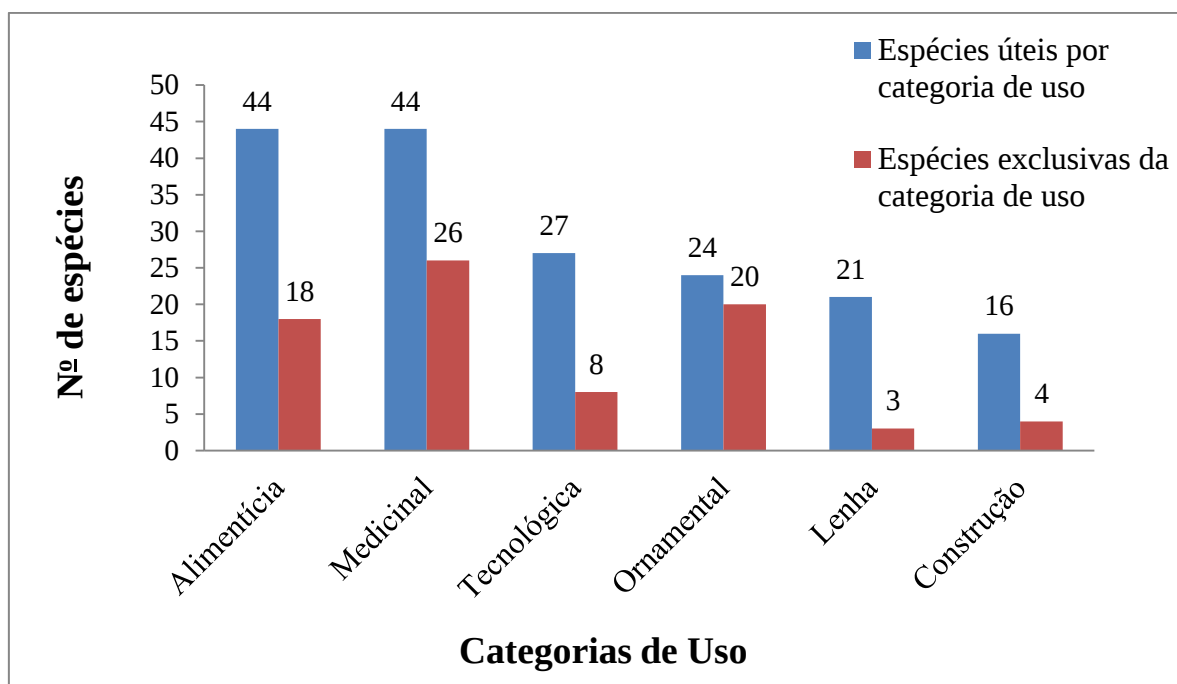


Figura 2: Número de espécies citadas por categorias de uso pelos arrendatários do Sítio do Outeiro de Maracaípe localizado na RPPN Nossa Senhora do Outeiro de Maracaípe, litoral Sul do estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil.

Para a maioria das espécies (68,38%) os arrendatários atribuem apenas um tipo de uso, prevalecendo as medicinais (Figura 3). Três ou mais citações de uso foram registradas para 17 espécies, como *A. occidentale*, *C. nucifera* e *M. salzmannii*, que apresentam quatro tipos de uso. Também se destacaram pelo maior número de citações de uso: amesca (*P. heptaphyllum*), arará (*P. guineense*), cupiúba (*T. guianensis* Aubl.), imbiriba (*E. ovata* L.), jaca (*Artocarpus heterophyllum* Lam.), jenipapo (*Genipa americana* L.), loro (*Ocotea gardneri* (Meisn.) Mez), manga (*M. indica*), mangaba (*H. speciosa*), mangue gaiteiro (*Rhizophora mangle* L.), murici (*B. sericea*), muta (*Eugenia punicifolia* L. (Kunth) DC.), sucupira (*B. virgilioides*) e leiteiro (*Sapium* sp.). São comuns as plantas usadas para tecnologia também serem usadas como lenha e na construção, como é o caso da amesca,

cupiúba, imbiriba, leiteiro, loro, mangue gaiteiro, maçaranduba, murici e sucupira. Algumas alimentícias lenhosas também são utilizadas como combustível e medicinal, como é o caso de *A. occidentale*, *C. nucifera*, *M. indica*, *H. speciosa* e *P. guineense*.

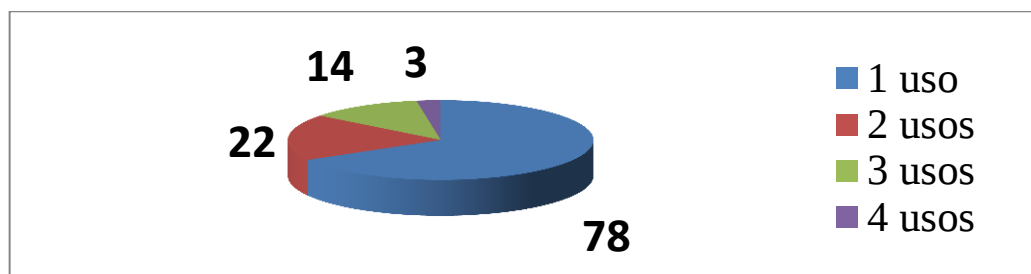


Figura 3: Número de usos por espécies de plantas utilizadas pelos arrendatários do Sítio do Outeiro de Maracaípe localizado na RPPN Nossa Senhora do Outeiro de Maracaípe, litoral Sul do estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil.

A parte mais citada como útil foi o caule e a casca, totalizando 36,75% das citações, seguida dos frutos (35,9%) e das folhas (22,23%) (Figura 4). Este resultado difere do observado por Fonseca-Kruel e Peixoto [7] para a restinga de Arraial do Cabo, no Rio de Janeiro, onde o fruto foi a parte mais citada como útil.

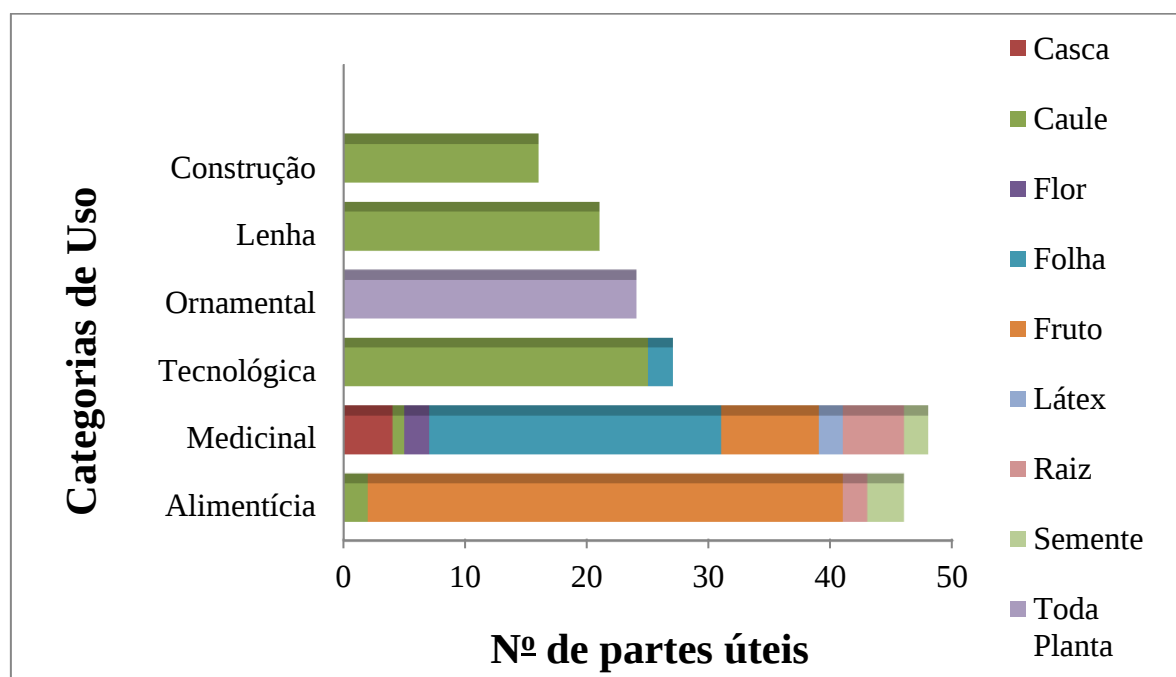


Figura 4: Partes das plantas utilizadas nas diferentes categorias de uso das espécies citadas pelos arrendatários do Sítio do Outeiro de Maracaípe localizado na RPPN Nossa Senhora do Outeiro de Maracaípe, litoral Sul do estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil.

Na categoria alimentícia foram citadas 44 espécies, pertencentes a 35 gêneros e 25 famílias, possuindo 22 diferentes usos (Tabela 3), sendo mais uma vez Myrtaceae a família com maior número de espécies (7), seguida de Anacardiaceae e Arecaceae, com cinco espécies cada.

As formas de consumo de *A. occidentale* são variadas, sendo a semente consumida assada e o pseudofruto consumido tanto *in natura* como na forma de suco, doce, passa, picolé e polpa. Em números de citação o caju é seguido por *C. nucifera* (coco) e *M. indica* (manga) (96,3%), sendo esta última consumida *in natura*, ou como suco ou picolé. O coco demonstra mais versatilidade na forma de consumo, pois tanto é consumido *in natura* como é utilizado para se fazer cocada, leite de coco, doce, picolé e óleo. Além de ser utilizado na alimentação o óleo de coco também é usado em cortes e feridas, para estancar o sangue.

Os frutos do cajueiro e do coqueiro alcançaram os valores de importância relativa alimentar (IRa) mais elevados, demonstrando que além de serem muito utilizadas, são bem versáteis quanto às formas que a população as utiliza. Segundo Silva e Albuquerque [30], em diferentes estudos etnobotânicos o caju se destaca como uma das espécies mais importantes. Também merecem destaque *P. guineense* e *H. speciosa*, típicas de mata de restinga, citadas por 81,48% e 77,78% dos arrendatários, respectivamente. O araçá é consumido *in natura* ou como suco, doce ou geléia, enquanto a mangaba é consumida *in natura* ou na forma de doce, suco, picolé ou polpa. A macaíba (*A. intumescens*) e o dendê (*Elaeis guineensis* Jacq.) também possuem grande diversidade de consumo dentro dessa categoria pois, além de serem consumidos crus, e no caso da macaíba como suco, da primeira também é feito doce, vitamina e polpa, e do segundo azeite e farinha. O dendê ainda é citado na categoria tecnologia, sendo as folhas usadas para se construir covos (Figura 6), uma armadilha para captura do camarão.

Todas as espécies citadas acima possuem o valor da importância relativa alimentar superior a 1,30, o que demonstra que não somente uma grande parte dos informantes as utiliza, como possuem uma grande versatilidade na forma de usos (Tabela 4).

Das oito espécies mais utilizadas pelos arrendatários, *A. occidentale*, *A. intumescens*, *H. speciosa*, *M. salzmännii* e *P. guineense* são típicas da mata de restinga. Pode-se inferir então que os recursos alimentícios do ambiente de restinga são amplamente utilizados pelos entrevistados. Carneiro *et al.* [29] e Fonseca-Kruel [1] também percebem a restinga como um ambiente amplamente utilizado e abundante em frutos comestíveis.

Entre as espécies alimentícias com mais de um uso destacam-se 14 que são também usadas como medicinais, nove como lenha, oito na tecnologia, três na construção e duas na ornamentação.

Tabela 3: Partes da planta e seus respectivos usos das espécies citadas como alimentícias pelos arrendatários do Sítio do Outeiro de Maracaípe localizado na RPPN Nossa Senhora do Outeiro de Maracaípe, litoral Sul do estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil.

Parte da Planta/ Usos	Espécie
RAÍZ	
Farinha	<i>Manihot esculenta</i>
Consumida cozida	<i>Dioscorea</i> sp.; <i>Manihot esculenta</i>
CAULE (TUBÉRCULO)	
Consumido cozido	<i>Solanum tuberosum</i>
FRUTO	
Consumido <i>in natura</i>	<i>Acrocomia intumescens</i> ; <i>Anacardium occidentale</i> ; <i>Annona coriacea</i> ; <i>Annona muricata</i> ; <i>Artocarpus altilis</i> ; <i>Artocarpus heterophyllus</i> ; <i>Averrhoa carambola</i> ; <i>?Bactris ferrugínea</i> ; <i>Carica papaya</i> ; <i>Cocos nucifera</i> ; <i>Desmoncus orthacanthos</i> ; <i>Elaeis guineensis</i> ; <i>Eugenia punicifolia</i> ; <i>Genipa americana</i> ; <i>Hancornia speciosa</i> ; <i>Inga</i> sp.; <i>Malphigia punicifolia</i> ; <i>Mangifera indica</i> ; <i>Manilkara salzmannii</i> ; <i>Manilkara zapota</i> ; <i>Marlierea regeliana</i> ; <i>Musa</i> sp.; <i>Persea americana</i> ; <i>Psidium guajava</i> ; <i>Psidium guineense</i> ; <i>Spondias mombin</i> ; <i>Spondias</i> sp. 1; <i>Spondias</i> sp.2; <i>Syzygium cumini</i> ; <i>Syzygium jambos</i> ; <i>Talisia esculenta</i> ; <i>Terminalia catappa</i> .
Consumido cozido	<i>Artocarpus altilis</i> ; <i>Manilkara salzmannii</i> ;
Consumido frito	<i>Musa</i> sp.;
Consumido assado	<i>Anacardium occidentale</i> ;
Refrescos ou sucos	<i>Acrocomia intumescens</i> ; <i>Anacardium occidentale</i> ; <i>Ananas comosus</i> ; <i>Annona muricata</i> ; <i>Averrhoa carambola</i> ; <i>Citrus aurantium</i> ; <i>Citrus limon</i> ; <i>Citrullus vulgaris</i> ; <i>Elaeis guineensis</i> ; <i>Eugenia uniflora</i> ; <i>Genipa</i>

	<i>americana</i> ; <i>Hancornia speciosa</i> ; <i>Mangifera indica</i> ; <i>Malphigia puniceifolia</i> ; <i>Passiflora</i> sp.; <i>Persea americana</i> ; <i>Psidium guajava</i> ; <i>Psidium guineense</i> ; <i>Spondias mombin</i> ; <i>Spondias</i> sp.2;
Azeite ou óleo	<i>Cocos nucifera</i> ; <i>Elaeis guineensis</i> ;
Cocada	<i>Cocos nucifera</i> ;
Outros doces	<i>Psidium guineense</i> ; <i>Musa</i> sp.; <i>Anacardium occidentale</i> ; <i>Averrhoa carambola</i> ; <i>Cocos nucifera</i> ; <i>Psidium guajava</i> ; <i>Artocarpus heterophyllus</i> ; <i>Acrocomia intumescens</i> ; <i>Carica papaya</i> ; <i>Hancornia speciosa</i> ;
Farinha	<i>Elaeis guineensis</i> ;
Geléia	<i>Psidium guajava</i> ; <i>Psidium guineense</i> ;
Fruto usado para fazer leite	<i>Cocos nucifera</i> ;
Licor e vinho	<i>Genipa americana</i> ;
Passa	<i>Anacardium occidentale</i> ;
Picolé	<i>Anacardium occidentale</i> ; <i>Cocos nucifera</i> ; <i>Malphigia puniceifolia</i> ; <i>Mangifera indica</i> ; <i>Passiflora</i> sp.; <i>Spondias mombin</i> ;
Polpa	<i>Acrocomia intumescens</i> ; <i>Anacardium occidentale</i> ; <i>Hancornia speciosa</i> ; <i>Malphigia puniceifolia</i> ; <i>Spondias mombin</i> ;
Vitamina	<i>Acrocomia intumescens</i> ; <i>Musa</i> sp.; <i>Persea americana</i> ;
SEMENTE	
Consumida cozida	<i>Vigna</i> cf. <i>unguiculata</i> ;
Tempero	<i>Bixa orellana</i> ; <i>Citrus limon</i> ; Indeterminada 5

Tabela 4: Importância relativa das espécies e porcentagem das citações das plantas mencionadas como alimentícias pelos arrendatários do Sítio do Outeiro de Maracáipe localizado na RPPN Nossa Senhora do Outeiro de Maracáipe, litoral Sul do estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil.

Importância Relativa Alimentar (IRa)	Espécies (IR/ % de citações)
1,5-2,0	<i>Anacardium occidentale</i> (2,0/ 100,00); <i>Cocos nucifera</i> (1,82/ 96,30).
1,0-1,49	<i>Mangifera indica</i> (1,39/ 96,30); <i>Psidium guineense</i> (1,39/ 81,48); <i>Acrocomia intumescens</i> (1,38/ 66,67); <i>Hancornia speciosa</i> (1,35/ 77,78); <i>Elaeis guineensis</i> (1,34/ 62,96); <i>Psidium guajava</i> (1,28/ 70,37); <i>Malphigia puniceifolia</i> (1,20/ 62,96); <i>Spondias mombin</i> (1,16/ 59,26); <i>Genipa americana</i> (1,09/ 51,85).
0,5-0,99	<i>Musa</i> sp. (0,95/ 51,85); <i>Manilkara salzmanii</i> (0,88/ 74,07); <i>Eugenia uniflora</i> (0,88/ 59,26); <i>Artocarpus altalis</i> (0,77/ 62,96); <i>Annona muricata</i> (0,77/ 48,15); <i>Syzygium cumini</i> (0,66/ 51,85); <i>Artocarpus heterophyllus</i> (0,66/ 37,04); <i>Persea americana</i> (0,65/ 22,22); <i>Averrhoa carambola</i> (0,65/ 22,22); <i>Talisia esculenta</i> (0,62/ 48,15); <i>Citrus limon</i> (0,62/ 33,33); <i>Passiflora</i> sp. (0,51/ 22,22); <i>Citrus aurantium</i> (0,51/ 22,22).
0,1-0,49	<i>Spondias</i> sp.2 (0,47/ 18,52); <i>Ananas comosus</i> (0,47/ 18,52); <i>Carica papaya</i> (0,47/ 18,52); <i>Inga</i> sp. (0,37/ 22,22); <i>Citrullus vulgaris</i> (0,36/ 7,41); <i>Syzygium jambos</i> (0,33/ 18,52); <i>Spondias</i> sp.1 (0,25/ 11,11); <i>Manihot esculenta</i> (macaxeira) (0,22/ 7,41); <i>Manihot esculenta</i> (mandioca) (0,22/ 7,41); <i>Vigna</i> cf. <i>unquiculata</i> (0,22/ 7,41); <i>Manilkara zapota</i> (0,22/ 7,41); <i>Annona coriacea</i> (0,18/ 3,70); <i>?Bactris ferruginea</i> (0,18/ 3,70); <i>Desmoncus orthacanthos</i> (0,18/ 3,70); <i>Bixa orellana</i> (0,18/ 3,70); <i>Terminalia catappa</i> (0,18/ 3,70); <i>Dioscorea</i> sp. (0,18/ 3,70); <i>Eugenia puniceifolia</i> (0,18/ 3,70); <i>Marlierea regeliana</i> (0,18/ 3,70); <i>Solanum tuberosum</i> (0,18/ 3,70); Indeterminada 5 (0,18/ 3,70).

No que diz respeito à categoria lenha, a maioria dos informantes (77,77%) utilizam a lenha como combustível primário e poucos o fazem como combustível secundário, utilizando-se mais do gás de cozinha. Os informantes que utilizam mais o gás de cozinha como combustível primário reportaram que utilizam lenha ao cozinhar alimentos que demoram mais ao fogo, como feijão, doces de modo geral ou passa, devido ao preço do gás. Ramos *et al.*

[31], comentam que a madeira tende a ser usada como combustível pela maioria da população mundial diariamente, especialmente em áreas rurais de países em desenvolvimento.

Para alguns arrendatários não importa a espécie que é utilizada como lenha, qualquer madeira seca pode ser utilizada, no entanto para outros certas espécies são evitadas como *Andira nitida* Mart. ex Benth (angelin).

"[...] a gente usa qualquer lenha seca no chão (Informante 4)."

"[...] o angelin amarga a comida por isso não usamos (Informante 7)."

"[...] a lenha do caju é meio ruim, mas nois cozinha com ela sim (Informante 19)."

Apesar de algumas das 21 plantas usadas como lenha serem introduzidas, outras que são comuns na região poderiam sofrer impacto, mesmo que os informantes tenham relatado que usam comumente o material já seco caído ao solo. São exemplos de espécies que podem sofrer impacto *A. occidentale*, *B. sericea*, *E. ovata*, *H. speciosa*, *P. guineense*, *T. guianensis* e *M. salzmannii*, a mais citada dentre todas e mencionada por 10 dos moradores. *Anacardium occidentale*, *P. guineense*, *B. sericea* e *T. guianensis* são quatro das cinco espécies mais citadas na pesquisa de Lima *et al.* [32] em Sergipe e, com exceção de *P. guineense*, também tiveram maior quantidade de citações nessa categoria, sendo ainda as duas últimas exemplos de espécies utilizadas como lenha no trabalho de Silva e Andrade [6] realizado em Pernambuco. Mais de 70% das espécies citadas são comumente encontradas na restinga. O mesmo ocorre no estudo de Lima *et al.* [32] realizado no agreste de Sergipe, onde a maioria das espécies usadas como lenha eram típicas da mata nativa.

Eschweilera ovata (imbiriba) foi a espécie com maior quantidade de citações, das 27 mencionadas na categoria tecnologia, correspondendo a 37,01%, utilizada para confeccionar cabo de vassoura, enxada, estrovenga e foice; a maçaranduba (18,52%) é utilizada para construir escadas, sendo também muito utilizada para fazer cabo de vassoura, estrovenga, foice ou machado, ou ainda como bulandeira, viga, ou cevador na casa de farinha (Figura 5); e as folhas do dendê (18,52%) são utilizadas para se fazer covos (Figura 6). As duas primeiras espécies citadas são comumente encontradas em matas de restinga; além dessas, outras plantas típicas dessa vegetação, como *T. guianensis* (cupiúba), *Annona coriacea* Mart. (aticum), *Protium heptaphyllum* (Aubl.) March. (amesca), *Ocotea gardneri* (Meisn.) Mez (loro), *Bowdichia virgilioides* Kunth (sucupira) e *Eugenia punicifolia* (Kunth) DC (muta), são utilizadas para confeccionar cabo de vassoura, enxada, estrovenga e foice. Além dessas

funções sucupira, muta, junto com o murici (*B. sericea*) são amplamente utilizadas nas duas casas de farinha que a região possui como viga, cevador ou bulandeira.



Figura 5: Casa de farinha de um dos arrendatários do Sítio do Outeiro de Maracápe localizado na RPPN Nossa Senhora do Outeiro de Maracápe, litoral Sul do estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil em 05/2011.



Figura 6: Covos para captura de camarões confeccionados com palha do dendê (*Elaeis guineensis* Jacq.) utilizados pelos arrendatários do Sítio do Outeiro de Maracápe localizado na RPPN Nossa Senhora do Outeiro de Maracápe, litoral Sul do estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil em 05/2011. Barra = 10cm.

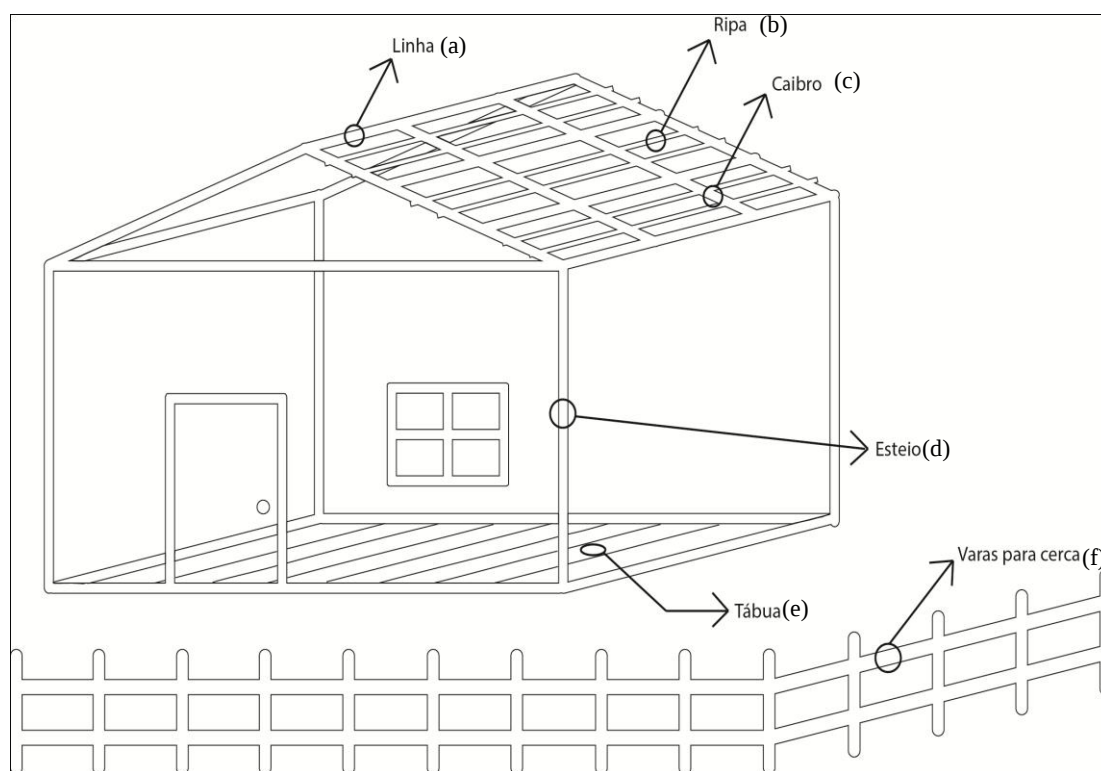
É interessante destacar o uso pouco comum de uma planta normalmente empregada para fins medicinais, como é o caso da aroeira (*S. terebinthifolius*), e de uma normalmente usada ao redor de casas e jardins para a ornamentação, o cafezinho (*Leea* sp.), na construção de casa de galinhas (Figura 7).



Figura 7: Casa de galinhas construída com estacas de aroeira (*S. terebinthifolius*) e cafezinho (*Leea* sp.) em quintal de um dos arrendatários do Sítio do Outeiro de Maracáipe localizado na RPPN Nossa Senhora do Outeiro de Maracáipe, litoral Sul do estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil em 05/2011.

Pouco mais da metade dos entrevistados (55,55%) detêm todo o conhecimento citado acerca de plantas usadas para construção de casas ou cercas e destes, somente três pertencem ao sexo feminino. Este percentual provavelmente será ainda menor no futuro, pois o conhecimento de plantas empregadas para construção de casas não é mais usado pela população, uma vez que quase todos (96,3%) possuem casas de alvenaria, e afirmam não mais usar esse tipo de conhecimento.

Nessa categoria, a maçaranduba (*M. salzmannii*) novamente foi a planta mais indicada como útil pelos arrendatários, seguida de imbiriba (*E. ovata*) e leiteiro (*Sapium* sp.), usadas como linha de casa, esteio, ripa, caibo e varas para cercado. A madeira de *M. salzmannii*, além dessas funções, também é utilizada na fundação das casas e como tábua (Figura 8).



<i>Anacardium occidentale</i>	f	<i>Eschweilera ovata</i>	a, b, c, d, f
<i>Tapirira guianensis</i>	b, e	<i>Bowdichia virgilioides</i>	b, d
<i>Annona</i> sp.	a, c	<i>Byrsonima sericea</i>	a, c, d, f
<i>Tabebuia roseoalba</i>	c, d	<i>Eugenia punicifolia</i>	c, d, f
<i>Protium heptaphyllum</i>	f	<i>Rhizophora mangle</i>	a, b, c, d, f
<i>Sapium</i> sp.	a, b, c, d, f	<i>Manilkara huberi</i>	a, b, c, d, e, f
<i>Ocotea gardneri</i>	c, d, e, f	<i>Pouteria</i> sp.	b, c
		Indeterminada 1	b, c, d, f

Figura 8: Esquema com os nomes das principais estruturas das casas nas quais a madeira é utilizada pelos arrendatários do Sítio do Outeiro de Maracaípe localizado na RPPN Nossa Senhora do Outeiro de Maracaípe, litoral Sul do estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil.

O mangue gaiteiro (*Rhizophora mangle* L.) inclui-se entre as cinco espécies mais citadas e é tido pelos entrevistados como a melhor madeira, por ser mais resistente a decomposição, fato também observado por Carneiro *et al.* [29] em pesquisa realizada na Reserva Extrativista Marinha Caeté-Taperaçu, Pará, Brasil. Todavia, os entrevistados informaram que não utilizam mais essa espécie, primeiro por suas casas serem de alvenaria, segundo por ser proibida a extração desta planta do mangue.

Todo o conhecimento da categoria ornamental é detido por 59,26% (16) dos entrevistados, e somente quatro são homens, porque muitos ainda consideram certas categorias restritas a um determinado sexo, sendo a ornamentação considerada como algo restritivo ao sexo feminino, como revelam as frases abaixo:

"[...] *Aí é mais coisa pra mulher* (Informante 7)."

"[...] *Coisa de muié né comigo não* (Informante 10)."

"[...] *lá na frente de casa tem umas que a mulher planta, mas pra eu dizer fica difícil* (Informante 11)."

"[...] *isso aí é negócio com a mulher* (Informante 27)."

A maioria das 24 espécies citadas como ornamentais pertencem exclusivamente a essa categoria, com exceção da pimenta (Indeterminada 5) e do jambo (*Eugenia* sp.), que também são utilizadas como alimentícias, do cafezinho (*Leea* sp.), utilizada na tecnologia e da borboleta (*Hedychium coronarium* J.Koenig), que também é uma espécie medicinal. A planta mais citada como ornamental foi a papoula (*Hibiscus rosa-sinensis* L.), citada por 22,22% dos entrevistados.

Com relação à categoria medicinal, 26 das 44 espécies citadas são exclusivas dessa categoria e 36,36% são utilizadas para dor de garganta e tosse, o que difere de diversos trabalhos, como por exemplo, os de Moraes [24] e Ricardo [33], onde a maioria das plantas são indicadas para problemas gastrointestinais. Destas, somente *Abarema cochliacarpus* (Gomes) Barneby & J.W.Grime (barbatimão), *A. occidentale*, *Cecropia pachystachya* Trécul (embaúba), *Eleuterine* cf *bulbosa* (Mill.) Urb (alho do mato), *E. uniflora*, *P. guineense*, *S. terebinthifolius* (aroeira) e *Z. diphylla* (arroz xoxo) são espécies comumente encontradas em restinga, concordando com o encontrado na pesquisa de Roman e Santos [34], onde foram exóticas, em sua maioria as espécies medicinais citadas pela comunidade de pescadores artesanais da comunidade pesqueira de Algodual, litoral paraense.

As famílias mais representativas em número de espécies medicinais foram Myrtaceae, Fabaceae e Anacardiaceae, com quatro espécies cada, seguida de Lamiaceae, com três espécies. Myrtaceae e Anacardiaceae também se destacaram dentre as medicinais pelo número de citações no estudo de Fonseca-Kruel e Peixoto [7] realizado em mata de restinga; as Myrtaceae destacaram-se ainda nas pesquisas de Boscolo e Valle [35] e Pereira *et al.* [26], desenvolvidas em ambiente de restinga. Apesar da família Lamiaceae ocupar a quarta

colocação em número de espécies nesse trabalho, ela é frequentemente incluída entre as mais citadas em trabalhos sobre plantas medicinais, como os realizados por Maioli-Azevedo e Fonseca-Kruel [36] e Pinto *et al.* [37].

Foram catalogados 21 usos para as espécies medicinais (Tabela 5). Todos os entrevistados afirmaram que adquiriram o conhecimento através de parentes e, diferente de outras categorias, o utilizam frequentemente.

Tabela 5: Usos medicinais das espécies citadas pelos arrendatários do Sítio do Outeiro de Maracaípe localizado na RPPN Nossa Senhora do Outeiro de Maracaípe, litoral Sul do estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil.

Usos (remédios)	Espécie	Nome vulgar
Analgésico (cabeça)	<i>Ocimum campechianum</i> Mill.	Alfavaca
	<i>Justicia gendarussa</i> Burm. f.	Anador
	<i>Alpinia zerumbet</i> (Pers.) B.L. Burtt & R.M. Sm.	Colonia
Analgésico (corpo)	<i>Justicia gendarussa</i> Burm. f.	Anador
	<i>Petiveria alliacea</i> L.	Atipim
	<i>Mentha villosa</i> Huds. (pro sp.)	Hortelã da folha miúda
Analgésico (dor de dente)	<i>Justicia gendarussa</i> Burm. f.	Anador
Analgésico (ouvido)	<i>Justicia gendarussa</i> Burm. f.	Anador
Antidiarréico	<i>Vernonia</i> sp.	Alcachofra
	<i>Psidium guineense</i> Sw.	Araça
	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	Capim santo
	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E.Br	Erva cidreira
	<i>Psidium guajava</i> L.	Goiabeira
	<i>Mentha villosa</i> Huds. (pro sp.)	Hortelã da folha miúda
	<i>Eugenia uniflora</i> L.	Pitanga
Antiespasmódico	<i>Mentha villosa</i> Huds. (pro sp.)	Hortelã da folha miúda
	<i>Zornia diphylla</i> (L.) Pers.	Arroz xoxo
Antigripal	<i>Malphigia punicifolia</i> L.	Acerola
	<i>Ocimum campechianum</i> Mill.	Alfavaca

	<i>Spondias mombin</i> L.	Cajá
	<i>Alpinia zerumbet</i> (Pers.) B.L. Burtt & R.M. Sm.	Colônia
	<i>Acanthospermum hispidum</i> DC.	Espinho de cigano
	<i>Genipa americana</i> L.	Jenipapo
	<i>Citrus limon</i> (L.) Burm. f.	Limão
Anti-hipertensivo	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	Capim santo
	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E.Br	Erva cidreira
	<i>Bauhinia</i> sp.	Mão de vaca
Antiinflamatório e Cicatrizante	<i>Schinus terebinthifolius</i> Raddi	Aroeira
	<i>Zornia diphylla</i> (L.) Pers.	Arroz xoxo
	<i>Abarema cochliacarpus</i> (Gomes) Barneby & J.W.Grime	Babatenon, barbatimão
	<i>Anacardium occidentale</i> L.	Cajueiro roxo
	<i>Cocos nucifera</i> L.	Coqueiro
	<i>?Libidibia ferrea</i> (Mart. ex Tul.) L.P.Queiroz	Jucá
	<i>Indeterminada 6</i>	Pimenta de cheiro
Antitérmico	<i>Alpinia zerumbet</i> (Pers.) B.L. Burtt & R.M. Sm.	Colônia
Antitussígeno e Analgésico (garganta)	<i>Eleuterine cf bulbosa</i> (Mill.) Urb	Alho do mato
	<i>Hedychium coronarium</i> J.Koenig	Borboleta
	<i>Alpinia zerumbet</i> (Pers.) B.L. Burtt & R.M. Sm.	Colônia
	<i>Cecropia pachystachya</i> Trécul	Embaúba
	<i>Acanthospermum hispidum</i> DC.	Espinho de cigano
	<i>Campomanesia dichotoma</i> (O.Berg) Mattos	Guabiraba
	<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng.	Hortelã da folha graúda

	<i>Mentha villosa</i> Huds. (pro sp.)	Hortelã da folha miúda
	<i>Genipa americana</i> L.	Jenipapo
	<i>Citrus aurantium</i> L.	Laranja
	<i>Acrocomia intumescens</i> Drude	Macaíba
	<i>Mangifera indica</i> L.	Manga, manga rosa
	<i>Cyathea atrovirens</i> (Langsd. & Fisch.) Domin	Pau cardoso
	<i>Punica granatum</i> L.	Romã
	<i>Lippia</i> sp.	Xambá / chambá
Calmanete	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	Capim santo
	<i>Citrus aurantium</i> L.	Laranja
	<i>Passiflora</i> sp.	Maracujazeiro
Coagulante	<i>Musa</i> sp.	Banana
Cardíaco	<i>Cinnamomum</i> sp.	Canela
Derrame	<i>Mentha villosa</i> Huds. (pro sp.)	Hortelã da folha miúda
Diabetes	<i>Crescentia cujete</i> L.	Coité
	<i>Bauhinia</i> sp.	Mão de vaca
Digestivo e Analgésico (estômago)	<i>Vernonia</i> sp.	Alcachofra
	<i>Psidium guineense</i> Sw.	Araça
	<i>Cinnamomum</i> sp.	Canela
	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	Capim santo
	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E.Br	Erva cidreira
	<i>Pimpinella anisum</i> L.	Erva doce
	<i>Psidium guajava</i> L.	Goiabeira
	<i>Mentha villosa</i> Huds. (pro sp.)	Hortelã da folha miúda
	<i>Citrus aurantium</i> L.	Laranja
	<i>Mangifera indica</i> L.	Manga, manga rosa
	<i>Eugenia uniflora</i> L.	Pitanga
	<i>Lippia</i> sp.	Xambá / chambá
Diurético e/ou Analgésico (rins)	<i>Persea americana</i> Mill.	Abacate

Hepático	<i>Vernonia</i> sp.	Alcachofra
Reumatismo	<i>Hancornia speciosa</i> Gomes	Mangabeira
Vermífugo	<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng.	Hortelã da folha graúda
	<i>Hancornia speciosa</i> Gomes	Mangabeira
	<i>Passiflora</i> sp.	Maracujazeiro
	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Mastruz

No Sítio do Outeiro, as plantas com maior quantidade de citações como medicinal foram *Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf, citado por 92,59% dos entrevistados; *Lippia alba* (Mill.) N.E.Br, citada por 88,89% dos informantes e *Schinus terebinthifolius*, citada por 74,07% dos entrevistados (Tabela 6). Isso concorda com a maioria dos estudos, como o de Hanazaki *et al.* [38] numa comunidade caiçara, onde as espécies medicinais mais citadas também tendem a serem exóticas.

Schinus terebinthifolius é uma das espécies mais reconhecidas pelos entrevistados do trabalho realizado por Melo *et al.* [25], que relatam seu uso contra dor de garganta, através do gargarejo com o chá da folha, enquanto os informantes de Maracaípe a utilizam principalmente no tratamento das feridas e inflamações, como antisséptico e cicatrizante, sendo esse uso muito comum, como pode ser visto nos trabalhos de Silva e Andrade [14] e Moraes [24].

A pitanga foi a quarta planta mais citada como medicinal, seguida do araçá, caju roxo e colônia (*Alpinia zerumbet* (Pers.) B.L. Burtt & R.M. Sm.), citadas por 15 pessoas entrevistadas. Mais da metade dos informantes (55,55%) citaram o caju roxo como planta medicinal, sendo este utilizado principalmente como cicatrizante e antiinflamatório, atividade biológica comprovada por Schirato *et al.* [39]. A importância do caju também foi observada na comunidade pesqueira de Algodual, localizada no litoral paraense, estudada por Roman e Santos [34], na qual o caju estava entre as dez espécies mais citadas.

Mentha villosa Huds. (hortelã da folha miúda) foi a espécie que obteve maior valor de importância relativa, seguida de *Alpinia zerumbet* (Pers.) B.L. Burtt & R. M. Sm. (colônia) e de *Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf (capim santo). Essa espécie também obtiveram relevância num dos grupos de estudo de Oliveira *et al.* [40] realizado numa comunidade urbana na Muribeca, localizado no Nordeste do Brasil. Só *M. villosa* apresentou importância relativa acima de 1,5, e *A. zerumbet*, *C. citratus*, *Justicia gendarussa* Burm. f. e *Citrus*

aurantium L. apresentaram valores entre 1,0 e 1,49 (Tabela 6). O caju, apesar de ter uma grande importância relativa alimentar teve uma das IR mais baixas (0,37), o que difere do encontrado por Silva e Albuquerque [30] realizado em comunidade estabelecida na Caatinga do estado de Pernambuco, na qual o caju era a espécie mais versátil nos usos medicinais, obtendo um IR de 2,0.

Tabela 6: Importância relativa e porcentagem de citação das espécies de plantas medicinais citadas pelos arrendatários do Sítio do Outeiro de Maracáipe localizado na RPPN Nossa Senhora do Outeiro de Maracáipe, litoral Sul do estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil.

Importância Relativa	Espécies (IR/ % de citações)
1,5-2,0	<i>Mentha villosa</i> (2,0/ 37,04).
1,0-1,49	<i>Alpinia zerumbet</i> (1,47/ 55,56); <i>Cymbopogon citratus</i> (1,27/ 92,59); <i>Justicia gendarussa</i> (1,27/ 11,11); <i>Citrus aurantium</i> (1,1/ 14,81).
0,5-0,99	<i>Lippia alba</i> (0,9/ 88,89); <i>Passiflora</i> sp.(0,73/ 7,41); <i>Zornia diphylla</i> (0,73/ 14,81); <i>Bauhinia</i> sp. (0,73/ 3,70); <i>Ocimum campechianum</i> (0,73/ 3,70); <i>Acanthospermum hispidum</i> (0,73/ 22,22); <i>Plectranthus amboinicus</i> (0,73/ 29,63); <i>Genipa americana</i> (0,73/ 40,74); <i>Mangifera indica</i> (0,73/ 7,41); <i>Lippia</i> sp. (0,73/ 11,11); <i>Hancornia speciosa</i> (0,73/ 7,41); <i>Cinnamomum</i> sp. (0,73/ 14,81); <i>Vernonia</i> sp. (0,70/ 29,63); <i>Psidium guineense</i> (0,53/ 55,56); <i>Psidium guajava</i> (0,53/ 37,04); <i>Eugenia uniflora</i> (0,53/ 70,37); <i>Cecropia pachystachya</i> (0,53/ 7,41).
0,1-0,49	<i>Crescentia cujete</i> (0,37/ 3,70); <i>Eleuterine</i> cf <i>bulbosa</i> (0,37/ 3,70); <i>Hedychium coronarium</i> (0,37/ 7,41); <i>Campomanesia dichotoma</i> (0,37/ 3,70); <i>Acrocomia intumescens</i> (0,37/ 33,33); <i>Cyathea atrovirens</i> (0,37/ 3,70); <i>Punica granatum</i> (0,37/ 3,70); <i>Petiveria alliacea</i> (0,37/ 7,41); <i>Persea americana</i> (0,37/ 3,70); <i>Musa</i> sp. (0,37/ 29,63); <i>Schinus terebinthifolius</i> (0,37/ 74,07); <i>Abarema cochliacarpus</i> (0,37/ 25,93); <i>Anacardium occidentale</i> (0,37/ 55,56); <i>Cocos nucifera</i> (0,37/ 7,41); <i>Libidibia ferrea</i> (0,37/ 14,81); Indeterminada 6 (0,37/ 3,70); <i>Malpighia puniceifolia</i> (0,37/ 3,70); <i>Spondias mombin</i> (0,37/ 3,70); <i>Citrus limon</i> (0,37/ 14,81); <i>Chenopodium ambrosioides</i> (0,37/ 22,22); <i>Pimpinella anisum</i> (0,37/ 7,41).

No que se refere à parte utilizada existe um amplo uso das folhas por parte dos informantes na preparação dos remédios (54,55%), seguidas pelo fruto (18,20%), raiz (11,36%), entrecasca (9,1%), látex, semente e flor (4,55%). A citação das folhas como parte mais utilizada de plantas de restinga também ocorre nos trabalhos realizados por Maioli-Azevedo e Fonseca-Kruel [36] e Boscolo e Valle [35].

Os arrendatários do sítio do Outeiro distinguem diferentes fitofisionomias para a restinga que os cerca, e as mesmas os direcionam para captação de recursos vegetais. Estas fitofisionomias nem sempre equivalem àquelas cientificamente reconhecidas (Tabela 7). Silva e Britez [14] reconhecem três fitofisionomias de restinga, classificação adotada por Almeida Jr. *et al.* [13] em trabalho realizado na restinga da RPPN de Maracáipe, onde distinguiram a floresta não inundável e o campo (não inundável e inundável).

Tabela 7: Sistema perceptivo e classificatório das fitofisionomias da restinga reconhecidas por Almeida Jr. *et al.* (2009) e das descritas pelos arrendatários do Sítio do Outeiro de Maracáipe localizado na RPPN Nossa Senhora do Outeiro de Maracáipe, litoral Sul do estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil

Tipologia Tradicional	Tipologia Folk
Fitofisionomias da restinga	
FLORESTA - predominância de árvores e com três estratos diferenciados.	MATA – “...também chamamos de mata fechada, antigamente era mais fechada, mas hoje já se tirou muita madeira dali. Tem pau mais grosso, mais alto, muito pau junto. É onde a gente encontra o uriço, loro, sete cascos...”
CAMPO NÃO INUNDÁVEL – predominância de plantas herbáceas eretas, cespitosas, reptantes e/ou rizomatosas e o solo permanece livre do acúmulo de água.	CAPOEIRA – “O mato ali é mais baixo, os pau são menos e são mais fininhos e baixos. Já tão mais mexido e tem também menos planta...”
CAMPO INUNDÁVEL – Existe uma predominância de plantas herbáceas eretas, cespitosas, reptantes e/ou rizomatosas e o solo sofre inundações periódicas.	VAGEM – “É aquele lugar baixo que água acumula. Às vezes no verão seca ou fica bem baixo a água, aí a gente diz que a vagem ta seca. Quando chove a vagem sempre enche. ... Jacaré, tejú... tanto vive no seco como na água, assim também é com pau, tem uns que vive tanto no seco como em terra molhada...Tem umas qualidade de pau que a gente encontra principalmente perto da água.”
	CAMPESTRE – “...é aquela área já mexida, com tudo bem derrubado... área descampada, quase nenhum pé de pau lá.... quando não tem mais quase nada, um amoita aqui, uma acolá, é campestre...”

Através de conversas e observações *in loco* com os informantes constatou-se que duas fitofisionomias descritas por eles eram muito similares às fitofisionomias científicas observadas para essa área, hipótese corroborada pelo dendograma gerado a partir da análise de similaridade de Jaccard (1908) (Figura 9). A fitofisionomia da floresta não inundável se sobrepõe àquela chamada de mata pelos entrevistados, tendo em comum cerca 95% das espécies. A fitofisionomia de campo não inundável também possui muitas espécies em comum com o que eles chamam de capoeira. O campestre para eles quase não possui planta, por essa razão se distancia das outras fitofisionomias, já que não se relaciona com nenhuma fitofisionomia descrita cientificamente. A vagem se encontra também distante, porque o que eles caracterizam como vagem não possui correlação com nenhuma fitofisionomia cientificamente descrita para a vegetação de restinga.

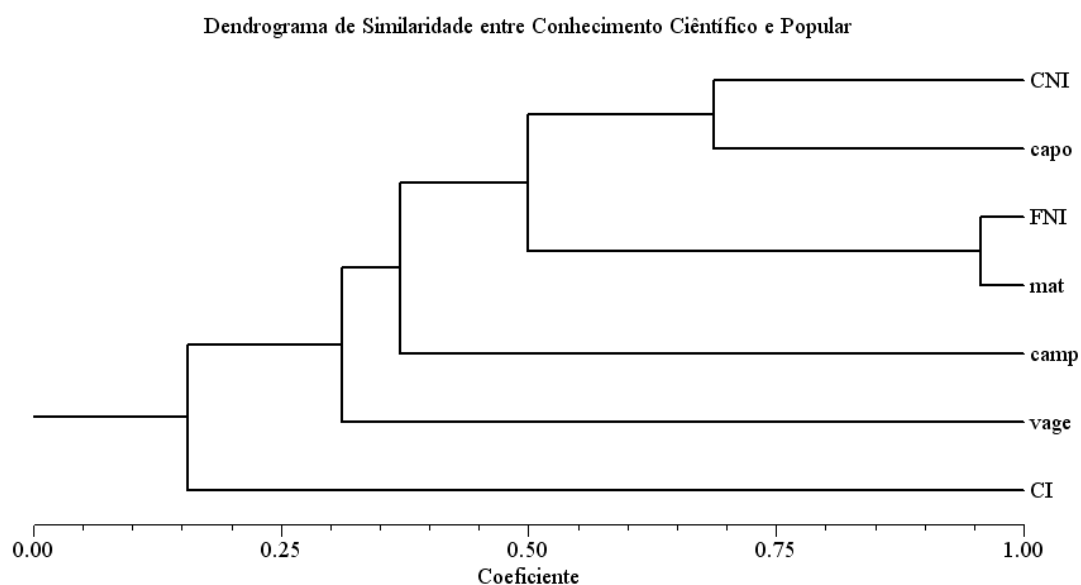


Figura 9: Dendrograma de similaridade entre as espécies encontradas nas fitofisionomias cientificamente descritas e as popularmente reconhecidas pelos arrendatários do Sítio do Outeiro de Maracaípe localizado na RPPN Nossa Senhora do Outeiro de Maracaípe, litoral Sul do estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil, utilizando-se o coeficiente de similaridade de Jaccard com $r = 0,94075$. Fisionomias científicas: CNI – campo não inundável; CI – campo inundável; FNI - floresta não inundável. Fisionomias do conhecimento popular: capo – capoeira; mat – mata; camp – campestre; vage – vagem.

Obs: “r” acima de 0,8 a literatura considera que o índice de similaridade utilizado e seu dendrograma, foi adequado para aquele grupo de dados.

Os resultados nos permitem concluir que os arrendatários da RPPN Nossa Senhora do Outeiro de Maracáipe, litoral Sul do estado de Pernambuco, ainda retêm um amplo e diverso conhecimento acerca da vegetação de restinga, e este é bastante utilizado quando nos referimos às categorias alimentar, tecnológica e lenha, sendo cerca de 30% das espécies citadas comumente encontradas nesse tipo de ambiente. Apesar de também ter um bom conhecimento acerca dos usos dessa vegetação na construção, este é raramente utilizado. No caso da categoria medicinal e ornamental a maioria das plantas citadas são exóticas, mas isto não diminui a importância do conhecimento dos entrevistados, e este é muito utilizado. Essa vasta utilização por parte da população de certas espécies pode ter relação com o fato de, atualmente, ser difícil encontrar determinadas espécies, como o barbatimão (*A. cochliacarpus*) e o pau cardoso (*Cyathea atrovirens* (Langsd. & Fisch.) Domin).

A categoria alimentar e medicinal se destacam pela quantidade de espécies citadas e a frequência com que eles utilizam o conhecimento. No caso da importância alimentar muitas espécies típicas da restinga destacaram-se pelo número de citações e usos, demonstrando sua relevância para a população.

O conhecimento sobre as plantas utilizadas nas categorias alimentícia, medicinal e lenha é compartilhado por homens e mulheres enquanto nas categorias ornamental, construção e, em menor grau, tecnológica, é restrito à um determinado gênero.

Podemos concluir que os mesmos reconhecem diferentes fitofisionomias para a restinga, algumas coincidindo com as cientificamente reconhecidas por Almeida Jr. *et al.* [13] para esta área, as quais direcionam a captação de recursos por parte dos moradores.

Referências Bibliográficas

1. Fonseca-Kruel VS: **Etnobotânica de uma comunidade de pescadores artesanais: Diversidade e uso dos recursos vegetais de restinga em Arraial do Cabo, Rio de Janeiro.** *Dissertação*. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Instituto de Floresta; 2002.

2. Rocha CFD, Van Sluys M, Bergallo HG, Alves MAS: **Endemic and threatened tetrapods in the restingas of the biodiversity corridors of Serra do Mar and of the central da Mata Atlântica in Eastern Braziln.** *Brazilian Journal of Biology* 2005, **65** (1): 159-168.
3. Almeida Jr. EB, Pimentel RMM, Zickel CS: **Flora e formas de vida em uma área de restinga no litoral norte de Pernambuco.** *Revista de Geografia* 2007, **24** (1): 19-34.
4. Miranda TM, Hanazaki, N: **Conhecimento e uso de recursos vegetais de restinga por comunidades das ilhas de Cardoso (SP) e de Santa Catarina (SC), Brasil.** *Acta Botanica Brasilica* 2008, **22** (1): 203-215.
5. Silva SSL, Zickel CS, Cestaro LA: **Flora vascular e perfil fisionômico de uma restinga no litoral sul de Pernambuco, Brasil.** *Acta Botanica Brasilica* 2008, **22**(4): 1123-1135.
6. Silva AJR, Andrade LHC: **Etnobotânica Nordestina: estudo comparativo da relação entre comunidades de vegetação na Zona do Litoral – Mata do Estado de Pernambuco, Brasil.** *Acta Botanica Brasilica* 2005, **19** (1) 45-60.
7. Fonseca-Kruel VS, Peixoto AL: **Etnobotânica na Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo, RJ, Brasil.** *Acta Botanica Brasilica* 2004, **18** (1): 177-190.
8. Sacramento AC, Zickel CS, Almeida EB: **Aspectos florísticos da vegetação de restinga no litoral de Pernambuco.** *Sociedade de Investigações Florestais* 2007, **31** (6): 1121-1130.
9. Gandolfo ES, Hanazaki N.: **Etnobotânica e urbanização: conhecimento e utilização de plantas de restinga pela comunidade nativa do distrito do Campeche (Florianópolis, SC).** *Acta Botanica Brasilica* 2011, **25** (1): 168-177.
10. Albuquerque A, Andrade LHC, Silva ACO: **Use of plant resources in a seasonal dry Forest (Northeastern Brazil).** *Acta Botanica Brasilica* 2005, **19** (1): 27-38.
11. Souza LF: **Recursos vegetais usados na medicina tradicional do Cerrado (comunidade de Baús, Acorizal, MT, Brasil).** *Revista Brasileira de Plantas Medicinais* 2007, **9** (4): 44-54.

12. Cunha LVFC, Albuquerque UP: **Quantitative Ethnobotany in an Atlantic Forest Fragment of Northeastern Brazil- implication to conservation.** *Environmental Monitoring and Assessment* 2006, **114** (1/2): 1-25.
13. Almeida Jr. EB, Olivio MA, Araújo EL, Zickel CS: **Caracterização da vegetação de restinga da RPPN de Maracáipe, PE, Brasil, com base na fitofisionomia, flora, nutrientes de solo e lençol freático.** *Acta Botanica Brasilica* 2009, **23** (1): 36-48.
14. Silva SM, Britez RM: **A vegetação da Planície Costeira.** In: *História Natural e conservação da Ilha do Mel.* 1 edição. M.C.M. Marques & R.M. Britez (orgs.). Curitiba: Editora UFPR; 2005: 49-84.
15. Köppen W: *Climatologia: com um estúdio de los climas de la tierra.* Mexico: Fondo de Cultura Economica; 1948.
16. SUDENE: **Dados pluviométricos do Nordeste – Pernambuco.** Recife: Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste; 1990.
17. CPRH (Companhia Pernambucana do Meio Ambiente): **Diagnóstico sócio-ambiental & ZEEC – zoneamento ecológico-econômico costeiro do litoral sul de Pernambuco.** Recife: Companhia Pernambucana do meio Ambiente; 1999.
18. IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/universo.php?tipo=31o/tabela13_1.shtm&paginaatual=1&uf=26&letra=T].
19. CNM. **Confederação Nacional de Municípios** [http://www.cnm.org.br/educacao/mu_edu_matricula.asp?iIdMun=100126169]
20. Bennett BC, Prance G.: 2000. **Introduced plants in the indigenous pharmacopoeia of Northern South America.** *Economic Botany* 2000, **54** (1):90-102.
21. OMS: **CID-10: Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde.** São Paulo: EDUSP; 2008.

Moraes, M. C. Estudo etnobotânico sobre a mata de restinga do Sítio do Outeiro de Maracaípe, Pernambuco.

22. NTSYS-pc 2.2: **Numerical taxonomy and multivariate analysis system.** *Exeter Software*, New York.
23. Queiroz EP: **Levantamento florístico e georreferenciamento das espécies com potencial econômico e ecológico em restinga de Mata de São João, Bahia, Brasil.** *Biotemas* 2007, **20** (4): 41-47.
24. Moraes MC: **Estudos etnobotânicos sobre mata de restinga: comunidade de Tamandaré, litoral Sul de Pernambuco.** *Monografia*. Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Ciências Biológicas; 2009.
25. Melo S, Laceda VD, Hanazaki N: **Espécies de restinga no Pântano do Sul (SC, Brasil).** *Rodriguésia* 2008, **59** (4): 799-812.
26. Pereira MCA, Araújo DSD, Pereira OJ: **Estrutura de uma comunidade arbustiva da restinga de Barra de Marica – RJ.** *Revista Brasileira de Botânica* 2001, **24** (3): 273-281.
27. Martins SE, Rossi L, Sampaio PSP, Magenta MAG: **Caracterização florística de comunidades vegetais de restinga em Bertioxa, SP, Brasil.** *Acta Botanica Brasilica* 2008, **22** (1): 249-274.
28. Assis AM, Pereira OJ, Thomaz LD: **Fitossociologia de uma floresta de restinga no Parque estadual Paulo César Vinha, Setiba, município de Guarapari (ES).** *Revista Brasileira de Botânica* 2004, **27** (2): 349-361.
29. Carneiro DB, Barboza MSL, Menezes MP: **Plantas nativas úteis na comunidade na Vila dos Pescadores da Reserva Extrativista Marinha Caeté-Taperaçu, Pará, Brasil.** *Acta Botanica Brasilica* 2010, **24**(4): 1027-1033.
30. Silva ACO, Albuquerque UP: **Woody medicinal plants of the caatinga in the state of Pernambuco (Northeast Brazil).** *Acta Botanica Brasilica* 2005, **19** (1): 17-26.

31. Ramos MA, Medeiros PM, Almeida ALS, Feliciano ALP, Albuquerque UP: **Use and knowledge of fuelwood in an area of caatinga vegetation in NE Brazil.** *Biomass & Bioenergy* 2008, **32**: 510–517.
32. Lima JS, Oliveira DM, Nascimento Júnior JE, Silva-Mann R, Gomes LJ: **Saberes e uso da flora madeireira por especialistas populares do agreste de Sergipe.** *Sitientibus série Ciências Biológicas* 2011, **11** (2): 239-253.
33. Ricardo LGPS: **Estudos etnobotânicos e prospecção fitoquímica de plantas medicinais utilizadas na comunidade do Horto, Juazeiro do Norte, (CE).** *Dissertação.* Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Saúde e Tecnologia Rural; 2011.
34. Roman ALC, Santos JUM: **A importância das plantas medicinais para a comunidade pesqueira de Algodão.** *Ciências Naturais* 2006, **1** (1): 69-80.
35. Boscolo OH, Valle LS: **Plantas de uso medicinal em Quissamã, Rio de Janeiro, Brasil.** *Iheringia, Ser. Botânica* 2008, **63** (2): 263-277.
36. Maioli-Azevedo V, Fonseca-Kruel VS: **Plantas medicinais e ritualísticas vendidas em feiras livres no Município do Rio de Janeiro, RJ, Brasil: estudo de caso nas zonas Norte e Sul.** *Acta Botanica Brasilica* 2007, **21** (2): 263-275.
37. Pinto EPP, Amorozo MCM, Furlan A: **Conhecimento popular sobre plantas medicinais em comunidades rurais de mata atlântica – Itacaré, BA, Brasil.** *Acta Botanica Brasilica* 2006, **20** (4): 751-762.
38. Hanazaki N., Tamashiro JY, Leitão-Filho H., Begossi A.: **Diversity of plant uses in two Caçara communities from Atlantic Forest coast, Brazil.** *Biodiversity and Conservation* 2000, **9**: 597-615.
39. Schirato GV, Monteiro FMF, Silva FO, Lima Filho JL, Leão AMAC, Porto ALF: **O polissacarídeo do Anacardium Occidentale L. na fase inflamatória do processo cicatricial de lesões cutâneas.** *Ciência Rural, Santa Maria* 2006, **36** (1): 149-144.

Moraes, M. C. Estudo etnobotânico sobre a mata de restinga do Sítio do Outeiro de Maracaípe, Pernambuco.

40. Oliveira GL, Oliveira AFM, Andrade LHC: **Plantas medicinais utilizadas na comunidade urbana de Muribeca, Nordeste do Brasil.** *Acta Botanica Brasilica* 2010, **24** (2): 571-577.

5. CONCLUSÕES

Os recursos vegetais oferecidos pela mata de restinga da RPPN Nossa Senhora do Outeiro de Maracaípe são bastante aproveitados pelos arrendatários, que utilizam uma grande variedade de plantas. Apesar de diversificado, o conhecimento se concentra nas espécies alimentícias e medicinais. Muitas espécies típicas da restinga obtêm destaque em números de citações e usos, demonstrando sua relevância para a população.

A maioria das plantas utilizadas para fins alimentícios e medicinais pelos arrendatários do Sítio do Outeiro de Maracaípe são introduzidas, como *Mentha villosa* Huds. (hortelã da folha miúda) embora algumas típicas desse ambiente se destaquem, como o *Anacardium occidentale* L. (caju).

Merece destaque também a *Manilkara salzmannii* (A.DC.) H.J.Lam (maçaranduba), uma planta típica da restinga, uma vez que na categoria alimentar foi citada por 75% dos informantes, na tecnológica foi a segunda planta mais citada, e na categoria lenha e construção foi a planta mais citada.

A descrição das características do ambiente e da composição florística correspondentes à diferentes fitofisionomias, apresentadas pelos arrendatários, demonstram que os mesmos buscam recursos diferentes na mata, capoeira e vagem da RPPN Nossa Senhora do Outeiro de Maracaípe.

6. APÊNDICES

Apêndice 1

Formulário socioeconômico

Entrevistador: _____ Data: ____/____/____

Nome: _____ Nº _____

Apelido popular: _____

Endereço: _____

1. Onde nasceu? _____

2. Há quanto tempo mora em Maracaípe?

() Menos de 5 anos () 6 a 10 anos () Mais de 10 anos

3. Idade: () Até 18 anos () 19 a 25 anos

() 26 a 45 anos () 46 a 65 anos () Acima de 65 anos

4. Grau de instrução: () Completo () Incompleto

() Nenhum () Ensino básico () Ensino fundamental I

() Ensino fundamental II () Ensino médio () Ensino superior

() Outro: _____

5. Principal ocupação: _____

6. Fonte de renda: _____

7. Religião: () Católica () Espírita () “Afro”

() Protestante () Outra _____

Formulário sobre modo de uso de plantas

[illegible]

Moraes, M. C. Estudo etnobotânico sobre a mata de restinga do Sítio do Outeiro de Maracaípe, Pernambuco.

Citações:

Tecnologia

1. Conhece alguma planta usada para ferramentas da Mata de restinga? () Sim () Não
Como chama essa mata?

2. Com quem aprendeu? () Parente () Vizinho () Amigo
() Outro:

3. Quando aprendeu? _____

4. Já ensinou alguém? () Sim () Não

5. Quem? () Parente () Vizinho () Amigo
() Outro:

6. Utiliza? () Sim () Não

Quais as plantas utilizadas para consertos e confecções?

1. Nome da Planta _____ N° de coleta _____
Identificação _____ Registro (herbário) _____

2. Sinônimos _____

3. Utilizada para:

() cabo de vassoura () cabo de foice
() cabo de enxada
() cabo de estroenga
() Outros _____

Onde encontra: () Feiras

() Mata de restinga

() Quintal: () Próprio () Outro

() Outros _____

Moraes, M. C. Estudo etnobotânico sobre a mata de restinga do Sítio do Outeiro de Maracaípe, Pernambuco.

Quais as plantas utilizadas para consertos e confecções?

1. Nome da Planta _____ N° de coleta _____
Identificação _____ Registro (herbário) _____

2. Sinônimos _____

3. Utilizada para:

- () cabo de vassoura () cabo de foice
() cabo de enxada
() cabo de estrovenga
() Outros _____

Onde encontra: () Feiras

() Mata de restinga

() Quintal: () Próprio () Outro

() Outros _____

Quais as plantas utilizadas para consertos e confecções?

1. Nome da Planta _____ N° de coleta _____
Identificação _____ Registro (herbário) _____

2. Sinônimos _____

3. Utilizada para:

- () cabo de vassoura () cabo de foice
() cabo de enxada
() cabo de estrovenga
() Outros _____

Citações:

B. Combustível

1. O que você utiliza como combustível?(para cozinhar, aquecer etc).

- () carvão
() gás
() lenha
() Outros _____

2. Usa lenha quando:

- () faz doce

Moraes, M. C. Estudo etnobotânico sobre a mata de restinga do Sítio do Outeiro de Maracáipe, Pernambuco.

- () faz passa
 () churrasco
 () faz feijão
 () Outros_____

3. Conhece alguma planta usada para combustível da Mata de restinga? () Sim () Não

4. Com quem aprendeu? () Parente () Vizinho () Amigo
 () Outro: _____

5. Quando aprendeu? _____

6. Já ensinou alguém? () Sim () Não

7. Quem? () Parente () Vizinho () Amigo
 () Outro: _____

8. Utiliza? () Sim () Não

Quais as plantas utilizadas como combustíveis (lenha)?

1. Nome da Planta_____Nº de coleta_____
 Identificação_____Registro (herbário)_____

2. Sinônimos_____

Onde encontra: () Feiras
 () Mata de restinga
 () Quintal: () Próprio () Outro
 () Outros_____

1. Nome da Planta_____Nº de coleta_____
 Identificação_____Registro (herbário)_____

2. Sinônimos_____

Onde encontra: () Feiras
 () Mata de restinga
 () Quintal: () Próprio () Outro
 () Outros_____

Moraes, M. C. Estudo etnobotânico sobre a mata de restinga do Sítio do Outeiro de Maracáipe, Pernambuco.

1. Nome da Planta _____ N° de coleta _____
Identificação _____ Registro (herbário) _____

2. Sinônimos _____

Onde encontra: () Feiras
() Mata de restinga
() Quintal: () Próprio () Outro
() Outros _____

1. Nome da Planta _____ N° de coleta _____
Identificação _____ Registro (herbário) _____

2. Sinônimos _____

Onde encontra: () Feiras
() Mata de restinga
() Quintal: () Próprio () Outro
() Outros _____

1. Nome da Planta _____ N° de coleta _____
Identificação _____ Registro (herbário) _____

2. Sinônimos _____

Onde encontra: () Feiras
() Mata de restinga
() Quintal: () Próprio () Outro
() Outros _____

Citações

C. Construção

1. Sua casa é feita de que?
() tijolo
() madeira
() Outros _____

2. Conhece alguma planta usada para construção da Mata de restinga? () Sim () Não

3. Com quem aprendeu? () Parente () Vizinho () Amigo
() _____ () _____ Outro:

4. Quando aprendeu? _____

Moraes, M. C. Estudo etnobotânico sobre a mata de restinga do Sítio do Outeiro de Maracáipe, Pernambuco.

5. Já ensinou alguém? ☐ Sim ☐ Não

6. Quem? ☐ Parente ☐ Vizinho ☐ Amigo
()
Outro:

7. Utiliza? ☐ Sim ☐ Não

Quais as plantas utilizadas em construções?

1. Nome da Planta _____ N° de coleta _____
Identificação _____ Registro (herbário) _____

2. Sinônimos _____

3. Utilizada para:

- ☐ Fundações da casa
- ☐ Tábuas para chão e teto
- ☐ Esteios de casa (peças pára escorar paredes)
- ☐ caibo para casa
- ☐ ripa de casa
- ☐ varas para cercado
- ☐ Outros _____

Onde encontra: ☐ Feiras
☐ Mata de restinga
☐ Quintal: ☐ Próprio ☐ Outro
☐ Outros _____

1. Nome da Planta _____ N° de coleta _____
Identificação _____ Registro (herbário) _____

2. Sinônimos _____

3. Utilizada para:

- ☐ Fundações da casa
- ☐ Tábuas para chão e teto
- ☐ Esteios de casa (peças pára escorar paredes)
- ☐ caibo para casa
- ☐ ripa de casa
- ☐ varas para cercado
- ☐ Outros _____

Onde encontra: ☐ Feiras
☐ Mata de restinga
☐ Quintal: ☐ Próprio ☐ Outro
☐ Outros _____

Moraes, M. C. Estudo etnobotânico sobre a mata de restinga do Sítio do Outeiro de Maracáipe, Pernambuco.

1. Nome da Planta _____ N° de coleta _____
Identificação _____ Registro (herbário) _____

2. Sinônimos _____

3. Utilizada para:

- ☐ Fundações da casa
☐ Tábuas para chão e teto
☐ Esteios de casa (peças pára escorar paredes)
☐ caibo para casa
☐ ripa de casa
☐ varas para cercado

☐ Outros _____

Onde encontra: ☐ Feiras

☐ Mata de restinga

☐ Quintal: ☐ Próprio ☐ Outro

☐ Outros _____

1. Nome da Planta _____ N° de coleta _____
Identificação _____ Registro (herbário) _____

2. Sinônimos _____

3. Utilizada para:

- ☐ Fundações da casa
☐ Tábuas para chão e teto
☐ Esteios de casa (peças pára escorar paredes)
☐ caibo para casa
☐ ripa de casa
☐ varas para cercado

☐ Outros _____

Onde encontra: ☐ Feiras

☐ Mata de restinga

☐ Quintal: ☐ Próprio ☐ Outro

☐ Outros _____

Citações

D. Ornamental

1. Conhece alguma planta usada para ornamentação da Mata de restinga? ☐ Sim ☐ Não

Moraes, M. C. Estudo etnobotânico sobre a mata de restinga do Sítio do Outeiro de Maracáipe, Pernambuco.

2. Com quem aprendeu? ☐ Parente ☐ Vizinho ☐ Amigo
()
Outro:

3. Quando aprendeu? _____

4. Já ensinou alguém? ☐ Sim ☐ Não

5. Quem? ☐ Parente ☐ Vizinho ☐ Amigo
()
Outro:

6. Utiliza? ☐ Sim ☐ Não

7. Onde encontra: ☐ Feiras
☐ Mata de restinga
☐ Quintal: ☐ Próprio ☐ Outro
☐ Outros _____

Quais as plantas utilizadas em ornamentações?

1. Nome da Planta _____ N° de coleta _____
Identificação _____ Registro (herbário) _____

2. Sinônimos _____

3. Utilizada para:

☐ Planta utilizada como ornamental ao redor da casa e em jardins
☐ Outros _____

1. Nome da Planta _____ N° de coleta _____
Identificação _____ Registro (herbário) _____

2. Sinônimos _____

3. Utilizada para:

☐ Planta utilizada como ornamental ao redor da casa e em jardins
☐ Outros _____

1. Nome da Planta _____ N° de coleta _____
Identificação _____ Registro (herbário) _____

2. Sinônimos _____

3. Utilizada para:

☐ Planta utilizada como ornamental ao redor da casa e em jardins
☐ Outros _____

Moraes, M. C. Estudo etnobotânico sobre a mata de restinga do Sítio do Outeiro de Maracáipe, Pernambuco.

1. Nome da Planta _____ N° de coleta _____
Identificação _____ Registro (herbário) _____

2. Sinônimos _____

3. Utilizada para: _____

() Planta utilizada como ornamental ao redor da casa e em jardins

() Outros _____

Citações:

E. Medicinal

1. Conhece alguma planta medicinal? () Sim () Não

2. Com quem aprendeu? () Parente () Vizinho () Amigo
() _____ Outro:

3. Quando aprendeu? _____

4. Já ensinou alguém? () Sim () Não

5. Quem? () Parente () Vizinho () Amigo
() _____ Outro:

6. Utiliza? () Sim () Não

7. Onde encontra: () Feiras

() Mata

() Quintal: () Próprio () Outro

() Outros _____

Formulário sobre as plantas medicinais – 2ª parte

Entrevistador: _____ Data: _____
_____/_____/_____

N° do entrevistado: _____

[illegible]

1. Onde encontra: () Feira Quintal: () Próprio

() Outro: _____ () Outro

2. Parte usada: () Raiz () Caule/Casca () Folha

() Flor

() Fruto

() Parte aérea

() Leite

☐ Todas

() Outra: _____

3. Ação específica da planta: _____

Apêndice 2

Tabela 1: Lista das espécies comuns entre este trabalho e Almeida Jr. *et al.* (2009).

Família	Espécie
ANACARDIACEAE	<i>Anacardium occidentale</i> L. <i>Schinus terebinthifolius</i> Raddi <i>Tapirira guianensis</i> Aubl.
ANNONACEAE	<i>Annona crassiflora</i> Mart.* / <i>coriacea</i> Mart.
APOCYNACEAE	<i>Hancornia speciosa</i> Gomes <i>Himatanthus phagedaenicus</i> (Mart.) Woodson* / <i>bracteatus</i> (A.DC.) Woodson
ARACEAE	<i>Philodendron</i> sp.
BURSERACEAE	<i>Protium heptaphyllum</i> (Aubl.) March. <i>Buchenavia capitata</i> (Vahl) Eichler* / <i>tetraphylla</i> (Aubl.) R.A.Howard
COMBRETACEAE	
ELEAOCARPACEAE	<i>Sloanea guianensis</i> (Aubl.) Benth
FABACEAE	<i>Andira nitida</i> Mart. ex Benth <i>Zornia diphylla</i> (L.) Pers.
LAURACEAE	<i>Ocotea gardneri</i> (Meisn.) Mez
LECYTHIDACEAE	<i>Eschweilera ovata</i> (Cambess.) Mart. ex Miers
MALPHIGIACEAE	<i>Byrsonima sericea</i> DC.
MYRTACEAE	<i>Campomanesia dichotoma</i> (O.Berg) Mattos <i>Eugenia punicifolia</i> (Kunth) DC. <i>Marlierea regeliana</i> O. Berg <i>Psidium guineense</i> Sw.
PERACEAE	<i>Pera glabrata</i> (Schott) Poepp. ex Baill
RUBIACEAE	<i>Borreria verticilata</i> (L.) G. Mey.
SAPOTACEAE	<i>Pouteria</i> sp
SIMAROUBACEAE	<i>Simaba floribunda</i> A.St.-Hil.
VERBENACEAE	<i>Lantana camara</i> L.

*Espécies citadas no trabalho de Almeida Jr. *et al.* (2009) que não ocorrem na área segunda a Lista de Espécies da Flora do Brasil, sendo possivelmente as espécies identificadas nesse trabalho.